NUMERO 14
ANO 2.º
1 9 4 3

Procissão. Óleo de Francisco Smith

Panorama

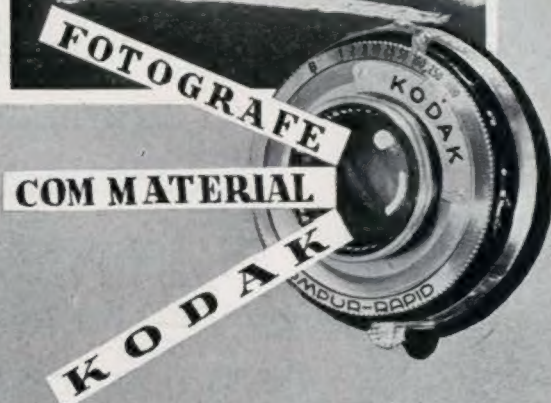
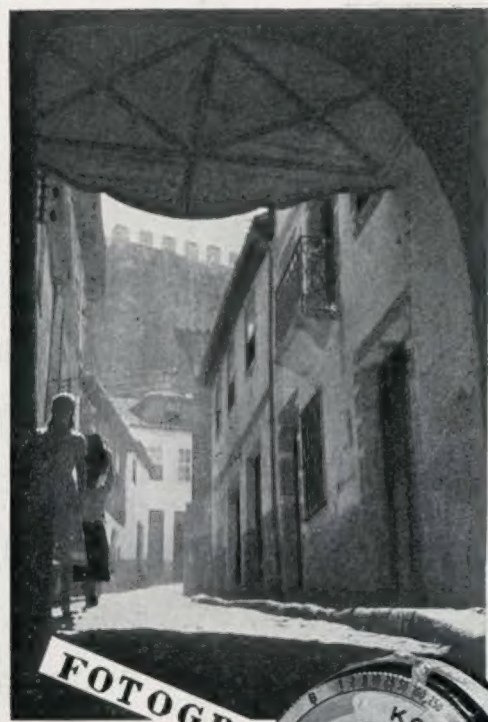
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

DOIS GRANDES PRODUTOS NACIONAIS

Um aperitivo e um digestivo de agradável paladar que dispõem bem

Entre a variadíssima gama de produtos da Real Vinícola contam-se, em lugar destacante, os aperitivos e aguardentes ou "brandies", de grande reputação no mercado nacional, nas províncias do Império e em diversos países estrangeiros.

De cada especialidade a marca que marca é

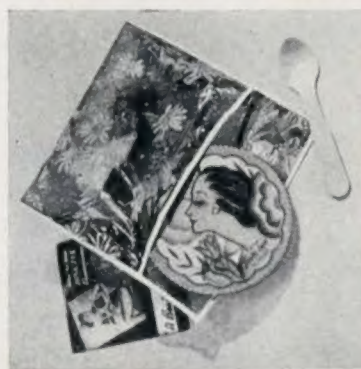
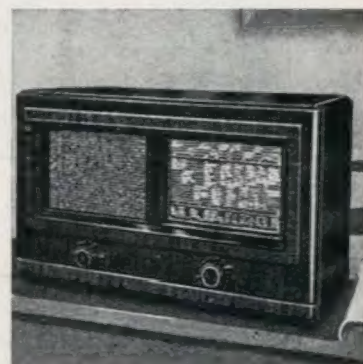
SÈDE EM GAIA: TELEFONE 3478 — FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117
TELEFONE 22556 — DEPÓSITO NO PÔRTO: RUA ENTREPAREDES — TELEFONE 440

APARELHOS
PAPEIS
CHAPAS
PELICULAS

Kodak

KODAK LIMITED
RUA GARRETT 33 LISBOA

Aqui se aconselha...

INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa, em cujos laboratórios se executam, com a possível brevidade, máximo cuidado e perfeição, todos os trabalhos de fotografia — revelagens, cópias, ampliações, etc. — e onde presta serviço pessoal especializado em *Leica, Contax, Retina* e *Cine 8 m/m*, publica esta foto (negativo Rolleiflex do Sr. Henry Albert) premiada no concurso que mantém aberto.

EIS um receptor que é uma fonte de alegria e distração. É o ORION 244, tão apreciado pelas pessoas de bom gôsto e bom ouvido. Recebe fàcilmente, nas ondas de 13 a 1.950 m., a música e as notícias de todo o mundo. O novo regulador automático de volume compensa perfeitamente as variações de intensidade da onda. O regulador de tonalidade permite escolher o som mais agradável. Representantes: RADIÓFILA, R. Nova do Almada, 80, 2.° Lisboa.

NÃO se inquiete mais com a sua caixa de pó de arroz! É encantadora, mas causa-lhe tantos embaraços... A tampa nem sempre se fecha bem... O pó espalha-se pelas mãos e pelos vestidos... Substitua-a pela nova borla JUVA-TEX, compacta e automática, que encerra pó para 10 dias e só permite a sua saída, pelos milhares de pequeníssimos poros, quando em contacto com a pele.

PELA comodidade que proporciona um excelente *maple*, um bom colchão de molas que provoque um sono reparador, ou qualquer outro móvel estofado, a sua presença no lar é sempre um motivo agradável. Por isso aqui se aconselha uma visita à casa VIEIRA CAMPOS, na Rua da Prata, 215 e 217, em Lisboa, especializada na execução dos mais diversos géneros de MÓVEIS ESTOFADOS e de COLCHOARIA.

que leia, veja e compre

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

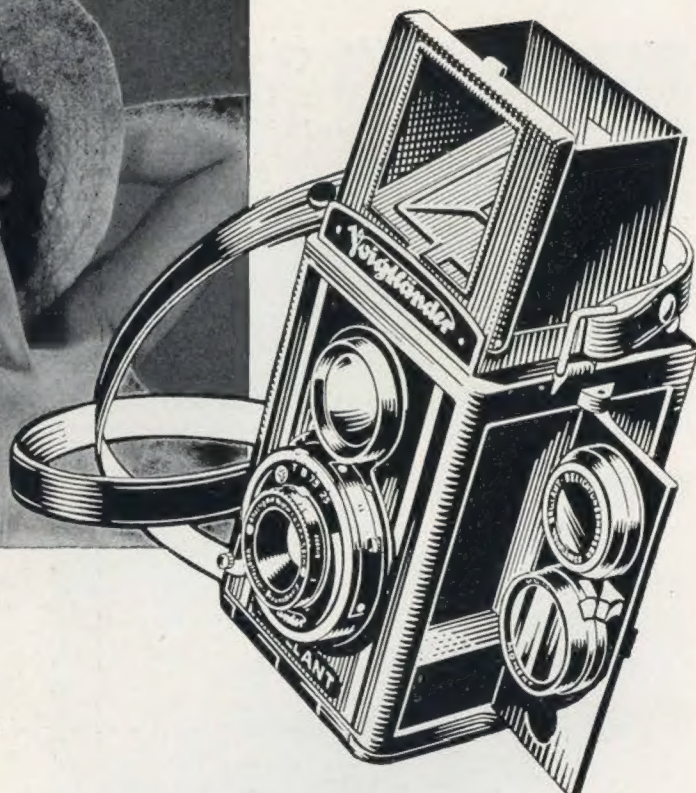
ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que tem.

TABOT apresenta nesta foto um modêlo de penteado para um certo tipo de rosto. Só um cabeleireiro que reüna à sua competência a sensibilidade de artista, sabe realçar a beleza da mulher com o seu penteado próprio, criando um conjunto de linhas e de côres de contraste harmonioso. E *Tabot* sabe procurar o penteado adequado à expressão de beleza de cada mulher. TABOT, cabeleireiro *visagiste*, Rua do Ouro, 170, Lisboa. Telefone 2 2072.

TUNGSRAM - KRYPTON é a lâmpada hoje preferida para faróis de automóvel. Dando mais luminosidade do que qualquer outra, dispende menos energia. Esta razão é suficiente para se aconselhar o seu uso. Não lhe parece? — Se quere poupar dinheiro, economizando a bateria do seu carro, faça, pois, a substituïção das lâmpadas do seu automóvel pelas da marca *Tungsram-Krypton*. Com estas, ficam as noites claríssimas. Viajará com mais gôsto e maior tranqüilidade.

CADA FOTOGRAFIA MAIS BONITA QUE A ANTERIOR!

Esta máquina, bonita e de tão simples manejo, pode adquiri-la em qualquer boa casa de artigos fotográficos. Além de outras vantagens o que nela mais seduz é a nitidez do seu extraordinário visor.

12 fotos do formato 6×6 cms.

Voigtländer «BRILLANT»

TELEFONE 2 8558

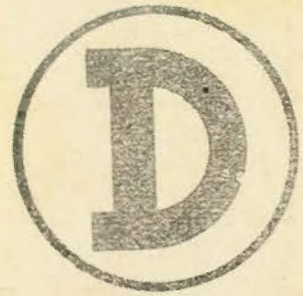
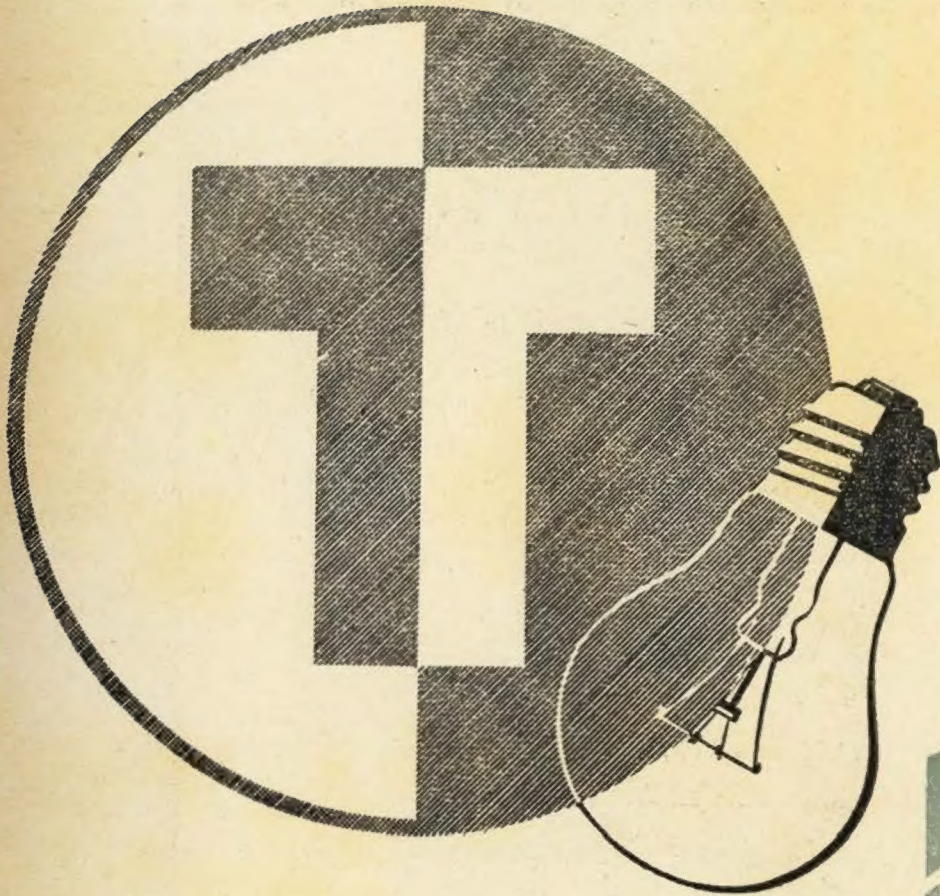
RUA PAIVA ANDRADA, 7-13 / LISBOA

AVENIDA FONTES — LISBOA-PORTUGAL

É, EM LISBOA, UM HOTEL EUROPEU DE FAMA INTERNACIONAL

Preparado pela

SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS

AVANCA - PORTUGAL

AMEIXOEIRA

Uma aldeia na cidade

NA curva da sua orla, como se fôra a pérola maior de um colar, ou mancha branca na ponta de uma asa erguida, Lisboa levanta para o céu uma aldeia característica — igual às aldeias mais distantes. Bem no alto, dominando horizontes largos, tem o ar alegre e sàdio da mulher portuguesa das províncias.

Engastada no terceiro bairro da cidade, a dois passos do Lumiar, ela abre-se ao Sol, a que alvejam casas caïadas.

O seu nome é Ameixoeira e a data do seu nascimento perde-se na noite dos séculos. A crónica do seu comêço aparece na História, de quando em quando, através das lutas moiras e godas, cristãs e romanas, para surgir, definitivamente segura e firme, na vida moderna e simples dos seus habitantes.

Situada numa eminência de Lisboa, Ameixoeira respira o ar puro das serras distantes e olha, de frente, os horizontes campesinos, longínquos.

Não tem bêcos; tem apenas ruazinhas e as azinhagas próprias de uma aldeia — aldeia-miradoiro da cidade, mirante natural sôbre os campos, por onde a nossa vista se perde nos longes...

Sua igrejinha, branca de cal, é uma página de velha história, embelezada pelos painéis de Bento Coelho da Silva, morto há três séculos. No adro, voltado para Odivelas, que fica àlém, um velho cruzeiro de pedra abre os braços, carcomidos pelo tempo, sôbre Carriche, lá em baixo, no fundo do vale.

*

Ameixoeira, como tôdas as aldeias, acorda cêdo. Acorda com o cantar dos galos e da fonte, no largo *do Ministro*. Aos primeiros raios do Sol, o chafariz recebe a visita alegre das moçoilas, coroadas pelas bilhas vermelhas, e escuta o matracar rítmico dos tamancos na calçada.

Estas raparigas sãs devem ser as netas ou bisnetas das moças que outrora iam, à mesma hora, tirar água àquêle velho poço, agora esquecido a um canto, onde ainda há restos de uma nora que o tempo vai desgastando.

Também, às primeiras horas do dia, os moços (nos lábios sempre um «bom-dia»), atravessam as ruazinhas a caminho do campo ou da *Lisboa civilizada,* prontos para o trabalho.

Livres, semi-nús, nas ruas socegadas brincam os meninos, correm e saltam os rapazitos.

Aqui e além, sentados nos portais, numa atitude resignada de filósofos, os velhos aquecem-se à luz do Sol.

Pelo dia adiante, a vida, ali, pertence ao mulherio. A sua lida é igual à das mulheres de tôdas as aldeias portuguesas.

Quando a noite desce, Ameixoeira cai num silêncio profundo e dorme em sossêgo. Dorme numa paz doce e invejável — tão invejável como a pureza do ar que respira, comao o privilégio da sua situação panorâmica.

E assim, dominando horizontes, ela continua a viver a sua vida própria, humilde e feliz, alheia à lufa-lufa de Lisboa, que não fica longe, mas que talvez a ignore...

JOÃO FRANÇA

O MUNDO PORTUGUÊS

REVISTA COLONIAL

Director: AUGUSTO CUNHA

Publicação mensal de arte e literatura | Contos, estudos, ensaios, poesia e crítica | Fotografias de arte, etnografia e iconografia

Edição da Agência Geral das Colónias e do Secretariado da Propaganda Nacional

SANEAMENTO GERAL!

Depois do discurso proferido por António Ferro na reünião do S. P. N. — transcrito no *Boletim* dêste número — usaram da palavra vários Delegados do Turismo, entre êles o Dr. Júlio de Lemos, de Braga, que declarou ter o Município dessa cidade iniciado *o saneamento geral da terra.* Eis uma medida que tôdas as Câmaras Municipais do país devem adoptar, antes de qualquer outra. Nunca se mobila, nem se ornamenta uma casa, antes de proceder à sua limpesa. Não será isto?

Impõe-se que acabemos, duma vez para sempre, com tudo quanto nos faça esquecer que estamos num *país civilizado!* Sem os mais elementares princípios de higiene pública — que sejam rigorosamente respeitados pelas populações — não há progresso possível e, muito menos, turístico. Que as cidades dêem o exemplo às vilas, e estas às aldeias.

¡Guerra de morte — sem tréguas — ao estêrco, à porcaria, à falta de higiene, à bicharada repelente e ao mau cheiro das vias e outros lugares públicos!

TRISTES EXEMPLOS

Ainda há poucas semanas, o *Diário de Coimbra* publicou um éco onde se lia o seguinte: — «Nas ruas mais escusas da Baixa e da Alta da cidade (ou seja: *precisamente aquelas que, pelo seu pitoresco, mais atraem a curiosidade dos turistas* — salientamos nós), quási sempre se vêem montões de dejectos, porcarias *domésticas* de tôda a espécie, que lhes dão o ar de estrumeiras, enjoando o transeunte que tenha estômago sensível»... Etc.

Comentando o triste significado desta local — que dir-se-ia transcrita de um periódico de há séculos — um dos locutores do programa radiofónico «Conheça a sua terra» acrescentou: — «Não nos devemos esquecer de que existe na maravilhosa Arrábida um sítio chamado *Lapa de Santa Margarida,* que possui tôdas as condições naturais para atrair os turistas, mas que repele tôda a gente à distância de cem metros, pelo nôjo em que se encontra e o cheiro fétido que exala».

Repetimos: — ¡Guerra de morte — sem tréguas — ao estêrco, à porcaria, à falta de higiene, à bicharada repelente e ao mau cheiro das vias e outros lugares públicos!

O FLAGELO DAS MÔSCAS

Um dos flagelos cuja destruïção o *saneamento geral do país* deve, a todo o custo, procurar, é o das môscas. Não só porque maculam a estética urbana; também — e principalmente — pela terrível ameaça que constituem. Atenda-se a estas elucidativas afirmações insertas no folheto «As Môscas», da autoria do Prof. Dr. José M. Braga, e editado pela *Liga Portuguesa de Profilaxia Social,* do Pôrto:

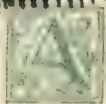
— «As observações feitas nos últimos tempos, mostram à evidência que elas constituem um sério perigo para o Homem e para os animais domésticos, como agentes transmissores que são de várias infecções perigosas.

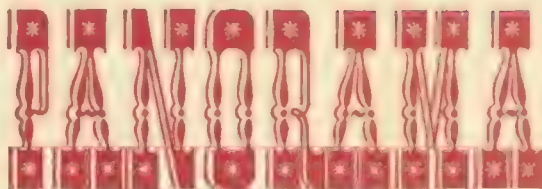
... A môsca doméstica *(Musca domestica L.),* que tôda a gente conhece, é aquela que, pelo seu número extraordinário, pelos seus hábitos e biologia, representa para nós um poderoso inimigo, dos mais próximos e mais certos.

Uma só fêmea deposita 120 a 150 ovos em cada postura, que pode repetir 5 a 20 vezes durante a sua vida, com intervalos de 24 horas a 3 ou 4 dias. Cada fêmea produz, portanto, de 600 a 3.000 ovos. Dada a rapidez do seu cíclo biológico, imagine-se a cifra astronómica que representará a descendência de uma môsca em um só verão!

... O açúcar, as geleias, as frutas, o leite, o queijo, o pão, as secreções da pele, etc., são àvidamente procurados. Os dejectos humanos, quando expostos ou acessíveis, fornecem-lhes alimento que elas saboreiam com avidez e contêm, freqüentemente, germens de várias doenças, como: bacilos da tuberculose, da disenteria, da febre tifoide, do cólera, etc.

Nos pêlos da tromba ou nos das patas, ou ainda no intestino, (aspirados com os alimentos), a môsca transporta os germens infecciosos que vai depositar directamente sôbre as substâncias que havemos de ingerir e sôbre os utensílios de que nos servimos nas refeições».

Guerra de morte às môscas! *Saneamento geral!*

AS ASAS DO ÍCARO, PRESAS COM CERA, NÃO RESISTIRAM AOS ARDENTES RAIOS DO SOL.
MAS OS LUBRIFICANTES INTAVA RESISTEM, INALTERÁVEIS, ÀS ELEVADÍSSIMAS TEMPERATURAS DOS MOTORES DE AVIAÇÃO.
INTAVA
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.º - TEL. 20311 - LISBOA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

NÚMERO 14 ★ ABRIL 1943 ★ VOLUME 3.º

CAPA DE FRANCISCO SMITH, ARRANJO GRAFICO DE BERNARDO MARQUES — DESENHOS DE BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE: A. BIVAR, BELEZA, CORREIA, EDUARDO PORTUGAL, FRANCISCO CALDEIRA CABRAL, HORACIO NOVAES, JOAO MARTINS, JOSE AUGUSTO, JOSE VINHAIS, MANFREDO, SALVADOR FEYO E TOM.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

Capa e Fotolitografias. Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão. Tipografia E. N. P. — Gravuras: Bertrand, Irmãos e Fotogravura Nacional, Lda.

PREÇO: 5$00

ATRAVÉS DA CONFUSÃO ESTÉTICA

por Jorge Segurado

Só há Beleza onde há ordem, escreveu Eça de Queiroz numa carta a Luís de Magalhães. Esta límpida verdade abrange não só a obra de Arte, mas também a própria Natureza. O que é a ordem, em Arte ou no Belo da Natureza? É a síntese harmónica dos elementos que entram na composição, quer esta seja uma criação artística, uma magnífica e calma paisagem, quer uma bela figura humana. É a Unidade da Beleza, a sua essência, a simplicidade. Simplificar é trabalho de mestre. É a grande vitória do artista. Mestre foi o próprio Eça na sua prosa inconfundível, tão simples e, no entanto, tão justamente expressiva. Mestres foram por exemplo Wagner, Van Gógh ou Cézanne, ao reduzir as suas frases musicais, o seu desenho, as suas pinceladas, ao necessário e suficiente de expressão, sem nada a mais, sem nada a menos, exactamente como sucede na prosa do Eça. Mestres, francamente mestres, são todos os Artistas que conseguem reduzir ao mínimo a sua síntese técnica na maior das simplicidades. De facto, não há, não pode haver Beleza sem simplicidade.

¿ Mas, onde começa e onde acaba a Beleza? — Precisamente onde começa e onde acaba o Céu!

Na realidade, há dias bonitos e dias feios. Há pessoas boas e encantadoras, outras más, hediondas e antipáticas; há coisas lindas e coisas horríveis; obras belas e obras detestáveis. Há também pessoas que têm bom ouvido e outras que o têm péssimo; e há ainda entes humanos que distinguem bem as côres e outros, daltónicos.

PORQUÊ?

São de todos os dias as divergências de gostos e de opiniões entre pessoas cultas, a propósito de uma obra de Arte. É corrente discutir-se, por exemplo, em volta de uma natureza morta, pintada por um artista com visão fora do comum, do banal e do *amaneirado*, longe do *tal qual* e a grande altura da pinturinha bem, muito bem imitadinha!

Que confusão! Que balbúrdia! E que trevas, entre tanta gente boa! Que atrevimento, naturalmente inconsciente, de conceitos e até que falta de respeito pelo nobre trabalho do artista! Há quem se atreva a atribuir-lhe a falta de franqueza, quando afinal a falta que há é, precisamente, a da sensibilidade da pessoa que censurou a obra. Não compreender e não sentir uma criação artística, é legítimo. Não gostar é admissível, mas atribuir má fé ao Artista, não é legítimo nem admissível; é feio, é mau, é deselegante e sobretudo é injusto! E há ainda, — por todo o mundo — aquêles que apreciam e enaltecem o feio, julgando-o lindo e aquêles outros que chamam horrível ao Belo! E entre êstes extremos, uma infinidade confusa de manifestações choca-se dùbiamente, tràgicamente, injustamente, ora pendendo mais para o feio, ora pesando mais para o Belo. É nesta híbrida massa, nesta Babel, que vivem paredes meias, de polo a polo e à volta da Terra, o Bom e o Mau Gôsto.

Foi certamente, numa confusão idêntica, porém, muito mais moça e saüdável que nasceu na sublime Grécia, há milhares de anos a palavra:

ESTÉTICA

Na realidade, esta palavra significava então ùnicamente:

Perceber, contemplar. Mas os homens, não se contentaram, através dos tempos, só em contemplar e em sentir, quiseram *perceber mais*; complicaram tudo e por isso a pobre Estética sofre há tantos séculos, golpes sôbre golpes, baixezas e vilanias.

PORQUÊ?

Desde Platão até nossos dias, quanto se tem escrito sôbre o mistério do Belo! Que complicadas análises e dúbias e contraditórias explicações; que devaneios filosóficos para apreciar o Belo na Natureza e na Arte e para arrumar cientìficamente a criação artística na Ciência Estética! Ora, com sincero respeito por tanto autor ilustre e por tanto filósofo notável,

a verdade é que, ao lermos com cuidado e boa vontade as suas obras, reconhecemos indubitàvelmente, no seu respeitável trabalho de homens de ciência, as suas boas intenções, mas uma dúvida enorme nos assalta muita vez o espírito: Terá, ou teria tido, êste homem, sensibilidade? Bom Gôsto? Na verdade, se excluirmos Taine, Shopenhauer, Ruskin, e poucos mais, uma maioria esmagadora de autores tem escrito sôbre Estética, citando e decalcando, honesta e sucessivamente, as idéias de seus antecessores, patenteando uma pobreza de criação e de originalidade que nos levam lògicamente a concluir que pouco adiantaram. E entre tantas frases, tantos recochetes de idéias psico-analíticas, sociológicas e subjectivas, ressalta — sem dúvida, por ausência de sentimento próprio — a ignorância inteirinha do *dom natural do Artista*.

Que ridículas e fantásticas são por vezes as apreciações feitas por críticos, ou como tal designados, a propósito de obras de Arte, atribuindo a seus autores as mais extravagantes e as mais absurdas intenções!

Que confrangedora parada de tantos senhores, — enorme multidão, — a escrever sôbre Estética ou a proclamar as suas leis e doutrinas, talvez sentados a uma horrível secretária de *tremidos*, tendo como sentinela, a seu lado, uma coluna tôda torcida, suportando estùpidamente, num vaso imbecil, uma palmeira inocente ou uma vulgar estatueta de Napoleão, de gêsso, a fingir bronze!

Que surprêsas nos têm dado tantas pessoas ricas e educadas, vivendo uma existência inteira sem qualquer manifestação de bom gôsto pessoal, no seu ambiente doméstico ou de trabalho, sem requinte de espírito, sem a mais leve nota artística, na mais crua e na mais profunda ausência de sensibilidade! Que horríveis interiores! Que horríveis gravatas! Que horríveis vazios há entre os homens!

PORQUÊ?

EM contra-partida, quantas vezes não temos observado, com surprêsa também, mas agradàvelmente, o arranjo harmónico, simples e puro, intuitivo, de uma modesta habitação de gente rústica, ou ainda, uma imprevista e ajuïzada opinião de gôsto, proferida por singela e inculta pessoa?

PORQUÊ?

ASSIM como se nasce com os olhos azuis ou negros, também se vem a êste mundo com a sensibilidade do bom gôsto, ou sem ela. Cada um *percebe e contempla*, conforme o condão que Deus lhe deu. Aquêles a quem a Natureza dotou com sensibilidade estão naturalmente aptos a compreender e a admirar as manifestações artísticas; a serem êles próprios artistas; quando o seu grau de sensibilidade ultrapassa uma certa medida, a vibrarem com entusiasmo não só perante a Natureza e as obras de Arte, mas também, até, em face de nobres e belas atitudes humanas de bondade, de sacrifício e de desinterêsse.

Assim, chegamos à conclusão de que a humanidade está naturalmente dividida em dois mundos distintos e opostos. Povoam precisamente a Terra, dois partidos únicos e antagónicos no campo puro da sensibilidade. Cada um dêles defende a sua bandeira e julga sinceramente que a sua verdade é a única, a autêntica, a do Bom Gôsto, a do Belo. Ambos por vezes desdenham, ridicularizam, amesquinham, troçam e atacam o partido oposto. Quere dizer: cada um tem a sua convicção, a certeza do seu gôsto.

Qualquer dêles, tem uma noção mais ou menos definida da palavra Estética, *da sua Estética*. E sendo assim, julgamos de límpido raciocínio concluirmos que a estética, afinal, tem dois valores, um com sinal mais, outro com sinal menos, logo:

HA DUAS ESTETICAS, UMA POSITIVA OUTRA NEGATIVA!

A positiva é sem sombra de dúvida a do Bom Gôsto. A negativa é fatalmente a do Mau.

O dom artístico e o bom gôsto, são dádivas de Deus, nascem com o indivíduo; fazem parte integrante do seu ser, são o índice máximo da sua alma, da sua sensibilidade requintada. O talento e o próprio génio, são

ATRAVÉS DA CONFUSÃO ESTÉTICA

excepções superiores na escala elevada das fortes sensibilidades, algumas vezes até a dois passos da loucura. A psicologia do Artista, do verdadeiro artista, escapa à apreciação comum da maior parte dos homens. As suas extravagâncias, as atitudes de vida e de pensar, incompreendidas e estranhas, elevam-se da banalidade correntia, saltam e brilham por entre o mar imenso da vulgaridade e da indiferença geral, irritando por vezes aquêles que nasceram sem sensibilidade. Êstes, por muito que leiam e estudem, por mais que procurem compreender, não tendo de facto em si próprios, o sentimento artístico, podem passar uma vida inteira que nunca conseguem ter bom gôsto e muito, mas muito menos, ser artistas. A prova disto está patente em tantos casos de pessoas que freqüentam as escolas de Belas-Artes e conseguem, à fôrça de tempo e de paciência, terminar qualquer curso artístico. A sua mediocridade porém é flagrante em tôdas as suas manifestações de vida e de trabalho, a sua alma é banal; são ùnicamente copistas ou servis imitadores, sem a menor centelha de imaginação e de espírito criador. De facto, não são artistas. No entanto, muitos têm habilidade e possuem aquele *geito* e aquela parcela de técnica que a Escola lhes deu, à fôrça de trabalho aturado, mas as suas obras falham. Não têm personalidade, não têm nada dentro, não dizem nada. A diferença que há entre êles e os outros, os sem sensibilidade, é pequeníssima. São do mesmo partido. Filiados na *Estética Negativa*, põem em tudo o sinal menos.

É portanto evidente que não são nem as escolas nem os «ateliers» que fazem os artistas. Nem tão pouco são as leituras e os estudos que conseguem dar às pessoas o bom gôsto ou o dom artístico. Não. Antes de tudo, repetimos, é fundamental que o dom da sensibilidade artística faça parte integrante da alma, do sub-consciente do indivíduo; que essa qualidade nata se revele na sua maneira de ser, nas suas predilecções, se manifeste em todos os seus actos e em tôdas as suas preocupações de espírito. É para êstes e só para êstes, que as escolas podem ser necessàriamente úteis, embora haja muitos casos positivos de verdadeiros artistas, com obra notável, que não passaram pelas academias. Mas é sobretudo no ensino sóbrio, em «ateliers» de bons mestres, artistas verdadeiros, sabendo bem ensinar, em prática aturada e em ambiente e convivência próprios, que o artista nato pode desabrochar e afirmar a sua personalidade e conseguir realizar obra digna.

A sua educação, além da convivência com artistas e pessoas de gôsto, terá simultâneamente de ser cuidada e bem orientada; escolhidas as suas leituras de modo a dar-lhe uma educação geral, da qual a sua sensibilidade tirará com proveito e elevação intelectual todo o fruto de conhecimentos indispensáveis às suas criações.

Em campo paralelo, encontram-se aquelas outras pessoas, que sem serem artistas, nasceram todavia com a sensibilidade do bom gôsto. Estas, naturalmente, perfilham, mesmo sem se aperceberem, todos os predicados de elegância, de boas maneiras, de afável trato e de bondade, procurando sempre rodear-se, até em casos de recursos modestos, — de um requinte de espírito no seu ambiente de vida, doméstico e social, acusando, em suma, nas suas atitudes e manifestações, uma superioridade de gôsto. É só nestas que a educação do gôsto é susceptível, isto é: só nos indivíduos dotados de sensibilidade natural. Querer *ensinar* bom gôsto, — permita-se-nos o têrmo,— a pessoas insensíveis a êle, é precisamente o mesmo que pretender à viva fôrça que uma pessoa sem ouvido cante sem desafinar.

Devemos educar o público, encaminhá-lo no bom gôsto, quer no campo artístico do teatro, da literatura, da dança, da música e das Belas--Artes, quer no arranjo e decoração do próprio lar e na maneira de vestir. Pretende-se e muito bem, elevar o nível geral, matando as manifestações vulgares, desagradáveis e grosseiras. Todavia, a verdade é esta: Essa educação só se fará na massa de público que traga em si própria sinal mais, pertencendo portanto à *Estética positiva*. O peixe, só pode viver na água. O Bom Gôsto, só vive e só existe, na realidade, no espírito e nos olhos de quem o tem.

Quere isto dizer, que é inútil uma campanha de bom gôsto? Não. De modo algum. Pelo contrário. A educação, neste campo, é absolutamente benéfica e construtiva; é necessário despertar e desenvolver essa qualidade nata, essa predisposição das pessoas que nasceram com sinal mais. É preciso estabelecer uma ordem, uma corrente animadora, vivamente estimulante, num sentido integralmente positivo.

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem! — FERNANDO PESSOA *(Hora Absurda)*

EM DEFESA DA PAÏSAGEM CONTINENTAL

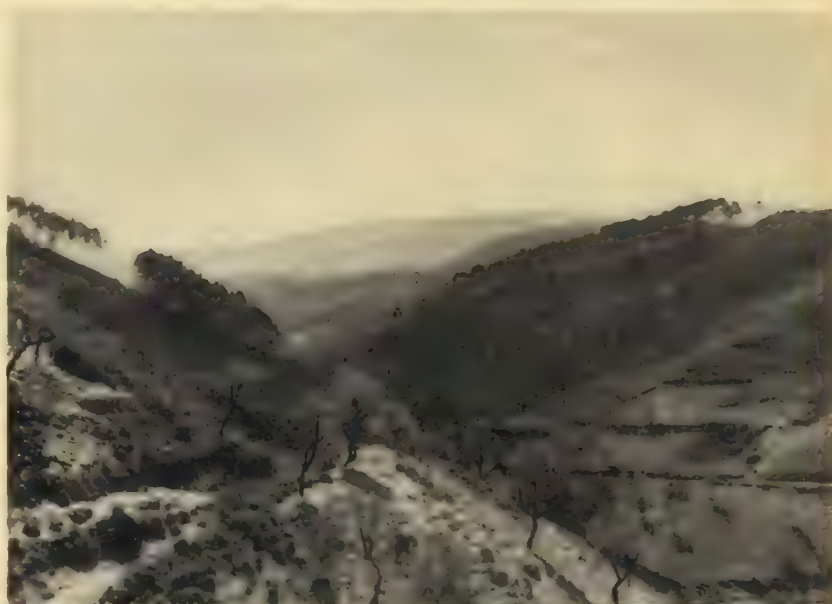
A EROSÃO E A PAÏSAGEM

por **FRANCISCO CALDEIRA CABRAL**

HÁ paisagens sãs e paisagens doentes, e uma das doenças mais comuns é a erosão. Doença traiçoeira, que dificilmente se reconhece de início, e quantas vezes dá origem a desastres irreparáveis. Seria tomado por louco quem tivesse dito aos americanos, entusiasmados com a grande cultura cerealífera, que estavam preparando por suas próprias mãos as cheias catastróficas do Missisipi e as tempestades de pó que hoje constituem um dos mais graves problemas da América do Norte.

E no entanto as lições da história eram claras. O Noroeste Chinês, outrora centro de uma elevada cultura, bem como a Mesopotâmia, foram abandonados e são hoje desertos devido à erosão. Cada vez mais o deserto da Líbia estreita o Vale do Nilo e a Judeia — terra da Promissão — mal sustenta os poucos habitantes. As ruínas de Cartago encontram-se hoje no meio das areias do deserto e, modernamente, as autoridades francesas da África Equatorial estão trabalhando incessantemente para deter a marcha assustadora do Sahará para o sul.

Mas que é, afinal, a erosão?

Quási tôda a superfície da terra firme se encontra coberta por uma delgadíssima camada de materiais mais ou menos intemperizados e de detritos orgânicos dispostos com uma estrutura especial e povoados de milhares de seres vivos, animais e plantas microscópicos e supe-

Perto do Luso — Ao fundo as encostas ainda com restos de arborização e mato abundante. No primeiro plano o mato desagregado pelo corte, ou pela cultura das oliveiras, já não consegue revestir o solo, progressivamente arrastado pela água das encostas.

Perto do Luso — Paisagem equilibrada — Encosta revestida de pinhal (com mato) ou armada em socalcos com árvores de fruto e culturas de sequeiro. Fundo do vale igualmente armado em socalcos, para as culturas de regadio e pastagens.

Douro — São Salvador do Mundo — A falta de arborização das encostas conduziu já nalguns pontos (primeiro plano à direita) ao desaparecimento total do solo e é o principal responsável pelas cheias catastróficas do Douro.

Douro — São Salvador do Mundo — Restos da vegetação (carvalhos e zimbros) que cobria outrora as nuas encostas documentadas na fotografia anterior.

riores. É a esta camada resultante da acção dos seres vivos e do clima sôbre a crusta terrestre que se chama o solo e é ela que constitui a fonte permanente da vida à superfície do globo.

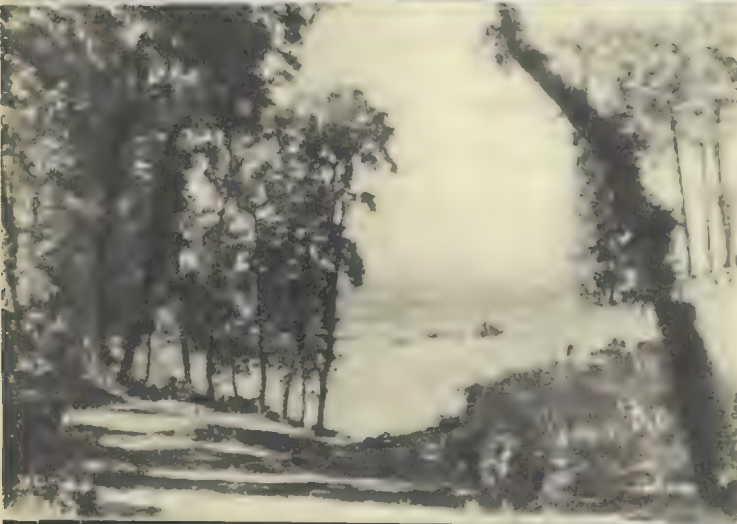
Ora, o solo, como tôda a natureza, está sujeito à acção de fôrças contrárias, umas construtivas, outras destrutivas, que actuando através dos séculos conduzem a um equilíbrio essencialmente dinâmico. Foi debaixo da acção destas fôrças que se formou o solo e atingiu uma espessura constante e um perfil característico, que não resultam de paragem no processo formativo e destrutivo, mas sim do equilíbrio entre as duas acções.

O homem, porém, modificando para seu proveito a flora e a fauna, o regime das águas e o clima, veio perturbar o equilíbrio existente. O solo, privado da protecção do prado e da floresta naturais, começou a ser desagregado e carreado pela água das chuvas, que se escoa à superfície do terreno, ou a levantar-se em nuvens de poeira levado pelos ventos que já não encontram barreiras que se lhes oponham.

É a êste fenómeno que se chama erosão.

Tão antiga como o homem, a erosão só há poucos anos começou a preocupar sèriamente, porque até então se não conhecia bem a sua origem e também porque ela se desenvolveu extraordinàriamente nos fins do século passado e princípios do actual, mercê das novas conquistas que a indústria pôs à disposição da agricultura. Mas foi só depois da grande crise de 1929 que se desenhou com nitidez o quadro da catástrofe e os governos se aperceberam da necessidade inadiável de lançar mãos à obra. Assim o reconheceram, primeiro os Estados Unidos da América do Norte e a União Sul Africana — os dois países mais duramente atingidos — e depois a Alemanha e a Itália. Entre nós também o problema está, finalmente, a ser encarado com tôda a atenção que merece, depois de se terem levantado tantas vozes a pedi-lo, pelo menos desde o século XVIII. O novo plano de revestimento florestal, já em execução, e a carta dos solos que está a ser elaborada pelo Ministério da Economia são a base em que há-de assentar a resolução dêste importante problema.

A erosão é o maior factor de empobrecimento da terra que pode levar até à sua completa destruição e, por isso, combatê-la, é obrigação da defesa de um Património Nacional insubstituível.

Serra da Estrêla — Santa Marinha de Seia — Tipo de paisagem equilibrada — encosta protegida por moitas de carvalho negral, armação em socalcos da terra cultivada. Note-se que os elementos de beleza desta paisagem são, ao mesmo tempo, os seus factores de equilíbrio.

Serra da Estrêla — Santa Marinha de Seia — No mesmo local da fotografia anterior. A falta de sub-bosque na moita de carvalhos é compensada pela pastagem natural — à esquerda e centro da fotografia — dando uma protecção perfeita do solo e equilíbrio de culturas: mata, pastagem e cereais. Na moita nunca se fazem cortes rasos, mas apenas desbastes (jardinagem), garantindo assim a sua permanência. Valas pouco inclinadas, na encosta, servem para a rega e cortam a velocidade das enchurradas.

Aspecto de erosão na Bacia do Mondego — Em muitos pontos é já impossível fixar a vegetação. + Bacia do Mondego — Esta fotografia, no mesmo local da anterior, dá idéia clara da altura dos materiais já arrastados pela erosão e mostra, na desagregação da rocha, como o fenómeno continua.

A água das chuvas — o agente erosivo que mais nos interessa — ao chegar ao solo, infiltra-se em parte, escoando-se a outra parte superficialmente. É a água de escoamento superficial o agente activo da erosão, e por isso todos os meios de combate se destinam, primeiro, a diminuí-la o mais possível e, depois, a dificultar a sua acção sôbre o terreno.

A erosão começa pela desagregação das camadas superficiais do solo. Antes que os efeitos se tornem patentes à vista, já a água roubou à terra os elementos solúveis que constituem o alimento das plantas e que mantêm agregadas as partículas do solo. Neste estado, se as terras são arenosas, tornam-se sôltas e são fàcilmente arrastadas pela água; se são argilosas, compactam-se excessivamente, tornando de todo impossível a infiltração da água que as transforma em lama, logo arrastada para os rios, que tomam o aspecto barrento que todos conhecemos no Tejo em ocasião de cheia.

Em pouco tempo — às vezes um ano ou menos — desaparece todo o solo superficial. Não é outra a origem de tantas terras delgadas e pedregosas, infelizmente tão abundantes no nosso país. Mas a erosão prossegue, atacando agora as camadas mais profundas, abrindo sulcos, a princípio quási imperceptíveis, e que mais tarde se transformam em temerosas ravinas, ou em profundos vales.

Nesta altura já o solo não consegue, pràticamente, fixar água nenhuma, devido, por um lado, à diminuição do seu poder absorvente e, por outro, ao aumento da velocidade de escoamento superficial. Os rios tomam carácter torrencial e surgem as cheias catastróficas. Por causa do assoreamento dos seus leitos e barras deixam de ser navegáveis e as grandes barragens de represamento de águas ficam, por vezes, inutilizadas em breve espaço de tempo.

E como se tudo isto não bastasse, a toalha de água do terreno baixa e as nascentes e poços secam, por falta da água retida no solo que outrora as alimentava. O clima evoluciona no sentido de maior aridez.

Fotos de F. CALDEIRA CABRAL

Continua na página 11

ESCULTURA PORTUGUESA DE ALCOBAÇA — GLÓRIA (Pormenor)

ESCULTURA PORTUGUESA DE ALCOBAÇA

A MORTE DE SÃO BERNARDO

por SALVADOR FEYO

É uma cena de grande classe, plástica em tôda a sua extensão. De mística exaltada, desenvolve-se com espectaculosa solenidade e um certo amargo de lágrimas.

Está em Alcobaça, na igreja do Mosteiro, e é tanto nossa como europeia da época moderna: quere dizer, podem integrá-la sem míngua no movimento artístico triunfante então no ocidente da Europa.

Salvo uma pequena parcela de convencionalismo, é rica de expressão formal, valendo como confissão enternecida e estética do espírito cisterciense do séc. XVII português.

Quási abandonada, esta obra notàvelmente realizada cobre-se de poeira e afoga-se nos próprios destroços, que o tempo, impiedosamente, vai decompondo.

Assim humilhada nasce do dorso do altar da capela fronteira à sala dos túmulos e representa o passamento de Bernardo de Claraval, rodeado de piedosa assembléia e assis-

tido da Virgem. Barro policromo enfornado, talvez das regiões da Cruz da Légua e do Valado, lugares vizinhos do Mosteiro, em cujos jazigos de Cinta e de Maiorga as argilas são «puras, pouco ferruginosas e muito plásticas» (2), compõe-se de dois corpos distintos: um, de vulto inteiro, assente sôbre o altar; o outro, com geitos de alto relêvo, faz corpo com a parede do fundo da capela e estende-se até ao teto.

O primeiro corpo é constituído por duas teorias: a dos frades e a dos anjos. Dentre ambas, abeirado do Santo, avantaja-se, pela importância da vestidura, uma personagem, de costas voltadas para o eixo do transepto e com os ombros cobertos por um capelo de capuz caído. O modelado do rosto, rico de pormenor, como só nos retratos costumamos encontrar, empurra-nos para uma «sugestãozinha»: de que os frades barristas quisessem ter aproximado do Santo, a levar-lhe a «espécie», naquele momento extremo, o seu Abade, senhor de muitas virtudes como de terras de domínio e de jurisdição.

Corrobora esta «sugestãozinha» o corte ao meio do frontal, a denunciar um tacelo aberto, sem dúvida para a cozedura de um volume muito maior do que aquêle que seria necessário para completar o crânio.

¿Não seria êsse volume o da mitra abacial?

À esquerda do Dom Abade — passe a sugestão — desenvolve-se com brilho de côr e o tal «convencionalismo» a teoria dos anjos músicos; enquanto do lado oposto, um grande número de frades, modelados com vigorosa rudeza, constitui a outra teoria.

Desgraçadamente êstes monges, em grande parte, estão decepados.

Um dêles, o primeiro da esquerda, segura com as mãos um livro. Abrira-o pouco antes. Os dois dedos que pousam numa das fôlhas, devem-na ter virado naquele instante.

A cabeça, não se sabe dela: fôra cortada cerce, sem piedade, como as dos outros irmãos. E todavia, parece que a bôca daquela cabeça que se perdeu, ainda entoa, comovida, a meia voz, o *subvenit Sancti Dei, do Kirie Eleison.*

De joelhos, êste bernardo decepado, e de livro aberto nas mãos, entre milagroso e patético, ora ainda... e já lá vão dois séculos! Grande mensagem esta do seiscentos português, na morte de São Bernardo!

Teoria dos Frades. — Pormenor

Teoria dos Anjos. — Pormenor

O SANTO

Está estirado, sôbre um arcaz, no meio do altar. A cabeça descansa em duas almofadas, e as mãos, esboroadas como os antebraços, estão inermes.

Como em 1153, na cela de Claraval, vai apagar-se, ali, no transepto da Igreja do Mosteiro de Alcobaça, serenamente, a lâmpada que aqueceu a França durante 39 anos e comoveu a Europa perto de 25.

Fundador e primeiro abade de Claraval, Bernardo, doutor da Igreja, político, prègador, taumaturgo e penitente virtuoso; filho de Tecelin e de Alette de Montbard, nasceu no último quartel do séc. XI, no Castelo de Fontaine-les-Dijon, abraçou a reforma cisterciense no ano de 1114 e foi canonizado em 1173, vinte anos justos depois da sua morte.

Embora contemplativo e de compleição física delicada, foi um combatente fervoroso que fêz da sua vida uma série ininterrupta e duradoira de triunfos.

Depois de apoiar as pretensões do bispo de Paris e do Arcebispo de Sens, defende a ordem monástico-militar do Templo, cuja regra, êle próprio redige, no concílio de Troyes.

Inocêncio II deve-lhe a cadeira pontifícia e a França que êle corre de Norte a Sul como a própria Alemanha Ocidental, ficam-lhe devendo o entusiasmo com que se iam perdendo na segunda guerra santa.

Arrebata, em massa, os auditórios. Na catedral de Spira, no Natal de 1146, consegue que o imperador Conrado III, avêsso ao voto de cruzado, lhe pedisse, de lágrimas nos olhos, entre ruïdosas aclamações, o distintivo da guerra (3).

O entusiasmo espalhado por tôda a parte atinge o delí-

Dois dos mais expressivos pormenores da grande composição escultórica do altar de São Bernardo de Alcobaça: — O Dom Abade e uma das cabeças da Teoria dos Frades.

FOTOS
DE SALVADOR FEYO

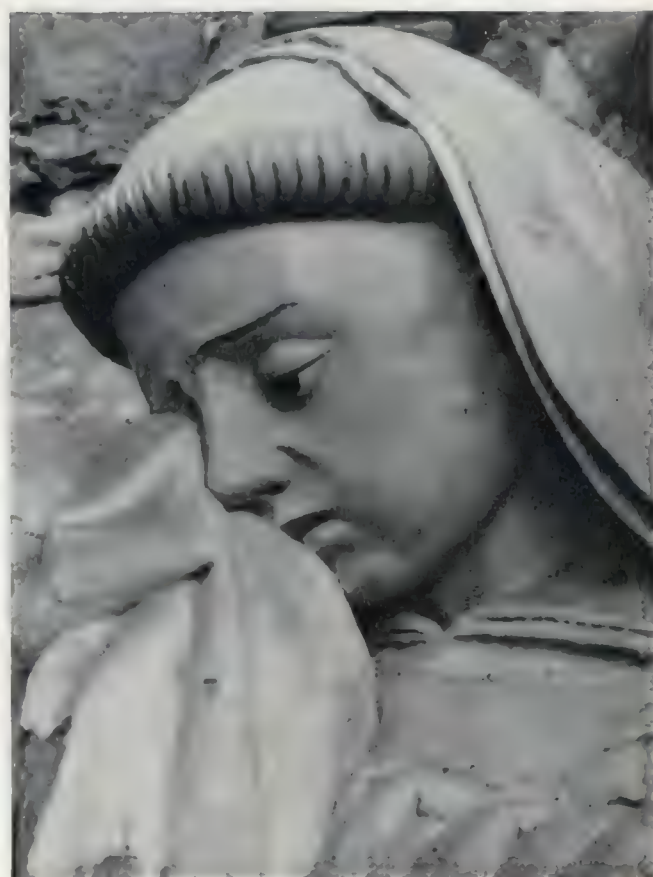
rio, de tal modo que o Santo, ao escrever a Inocêncio II, dizia: «*multiplicam-se os cruzados sem conta*» e acrescentava: «*povoações e cidades estão desertas; por sete mulheres apenas se poderia encontrar um homem; assim ficando em geral viúvas, vivendo ainda os maridos* (4).

Leonor de Poitou, «*jovem, alegre e bela*» (5) oferece-se, também, com as suas damas de honor, e parte para a Terra Santa.

... ...

É êste borgonhês, monge, abade de Claraval, Bernardo de seu nome, homem e santo, alma de tôdas essas lutas e de tôdas essas vitórias, que está em Alcobaça, na igreja do Mosteiro, inteiriçado em barro de Cinta ou de Maiorga, a passar para lá da órbita da terra, virando os olhos muito grandes, muito claros, muito azuis, para a Virgem em «Glória» que o vem buscar.

A VIRGEM

Sôbre uma nuvem com três serafins, está de pé; circunda-a uma «glória»; docemente, olha para São Bernardo e abre os braços com as mãos estendidas para o receber.

Dezasseis serafins limitam a «glória» na parte superior, sôbre o que, dois anjos adoradores, esvoaçam, sustendo no ar uma coroa doirada.

(Continua na pág. III)

FARO *a mais meridional das cidades portuguesas*

DENTRO do critério de propaganda que esta revista adoptou, seria anti-turístico dizer-se que Faro deve ser visitada pelos seus encantos paisagísticos. Na verdade, se a situação geográfica do aglomerado está longe de favorecê-lo, panorâmicamente, é também certo que poderosos factores contribuíram para o seu empobrecimento arquitectónico: A invasão dos inglêses do comando do duque de Essex, em 1596, e os terramotos de 1722 e 1755 arrasaram muitos dos seus mais valiosos e ex-

Jardim Manuel Bivar e um característico trecho de uma construção algarvia.

FOTOS DE BELEZA E TOM

pressivos monumentos. O mau gôsto dos homens completou esta obra destrutiva, sacrificando a construções pesadas, híbridas, inestéticas, algumas interessantes casas de terraços e açoteias, chaminés, janelas de adufas e pátios descobertos à mourisca, tão característicos noutras povoações desta admirável e *fotogénica* província, que possui — na justa observação do «Guia de Portugal» — grandeza e beleza suficientes para fazerem esquecer a insipidez da sua capital.

Merecem, no entanto, ser vistos e apreciados, além do deslumbrante panorama que domina o miradouro de *Santo António do Alto*, e dos pitorescos arredores (principalmente a linda aldeia de Estói): — alguns pormenores da *Sé*, o cláustro do *Con-*

Grupo de típicas construções. — Vista parcial de Faro

FOTOS DE TOM E BELEZA

Aspecto das salinas e dois curiosos recantos da capital algarvia.

vento das Capuchas, os azulejos seiscentistas do antigo *Paço episcopal.* os *paramentos de S. Pedro,* o *Museu Marítimo de Pedro Nunes* — repleto de curiosos modelos de embarcações, rêdes, aparelhos de pesca, etc., — e o *Museu de Santo António,* de recente organização, e bem digno de ser enriquecido com espécimes de propriedade particular, tão abundantes entre nós. (Aqui fica, espontâneamente lançado, êste apêlo aos donativos).
Justifica, ainda, a oportunidade destas páginas consagradas a Faro — cuja laboriosa população anseia pelo seu constante desenvolvimento — o facto de ser a Quaresma uma das épocas mais propícias para uma visita à cidade, porquanto as *procissões nocturnas* que nela se realizam são das mais espectaculosas e impressionantes de todo o país.

FOTOS DE CORREIA E TOM

UMA ESCOLA PROFISSIONAL PARA OS NOSSOS PESCADORES DE AMANHÃ

A pesca, como a caça, não se aprende nos livros. É preciso ter vocação para ela, possuir essas qualidades natas para a vida do mar que existem em elevado grau nos filhos dos pescadores que, desde o berço, são atraídos para a profissão do pai.

É exclusivamente entre êles que as Escolas de Pesca — subordinadas à Junta Central das Casas dos Pescadores — recrutam os alunos, deligenciando estimular-lhes as qualidades, incutir-lhes o culto da profissão e dar-lhes educação própria de homens do mar, completada com os conhecimentos práticos e teóricos, indispensáveis, da indústria da pesca.

Nestas escolas, existentes em quási todos os principais centros piscatórios, os filhos de pescadores, entre os 10 e os 15 anos, são preparados em regime de semi-internato para o exercício da profissão. Os conhecimentos que adquirem são completados a bordo, quer na pesca costeira, quer na do alto.

Finda esta aprendizagem nas escolas elementares, parte dos alunos transita para a Escola Profissional de Pesca, instalada frente ao Tejo, a dois passos da Doca do Bom Sucesso, que tem por fim prepará-los para as profissões de moços pescadores na pesca de arrasto e bacalhau, de arrais, contra-mestres e mestres de pesqueiros e, ainda, para o curso de pilotos pescadores da Escola Náutica.

Esta Escola tem capacidade para 40 alunos em regime de internato e nela os alunos continuam a ser pescadores e vivem como tal. Recebem a educação e instrução que convém a pescadores.

A organização é imagem da de bordo. Os alunos fazem todo o serviço da Escola, como fazem o do navio quando estão embarcados. Por escala, desempenham todos os cargos, tais como de «paioleiro», «sacristão», «moço de botica», «capitão», etc.

São divididos em grupos de 10, constituindo cada grupo uma unidade escolar, que é o agrupamento de instrução, de rancho, de dormitório e de embarque. O

«chefe de grupo» é um dos alunos dêsse agrupamento que, pelas suas qualidades, seja considerado digno para o desempenho do cargo. Fica responsável pela disciplina e comportamento do grupo e goza de certas regalias.

Também pelo asseio esta Escola nos recorda um navio.

O seu Director, o Comandante Valente de Araújo, não mo disse, mas estou certo de que desculpa mais fàcilmente um engano na nomenclatura do velame ou um êrro na transmissão de um sinal, do que uma nódoa na coberta azul marinho de uma cama, ou na cortina de cassa branca de qualquer janela...

O uniforme dos alunos é o fato de trabalho dos pescadores. E não podia haver mais feliz escolha: bota alta, de borracha; calça enfiando nos canos das botas; camisa — a pitoresca camisa de flanela aos quadrados... E tudo está sempre bem lavado, desde as caras, já queimadas pelo sol e pelo ar forte do mar, até às camisolas de lã branca para a pesca no alto mar.

A não ser a Capela — há meses restaurada e restituída ao culto — forrada de azulejos bem conservados, e as aulas, tudo se encontra mobilado e ornamentado com objectos tão simples e modestos que, mais tarde, poderão os ex-alunos adquiri-los, semelhantes, para as suas casas. Ainda aqui a simplicidade e a modéstia não querem dizer falta de gôsto; pelo contrário!...

Quási em frente, na Doca do Bom Sucesso, estão as embarcações a remos, à vela e a motor, que constituem a frota privativa da Escola.

Nelas, acompanhados pelo monitor ou mestre de pesca, os rapazes aplicam e completam os conhecimentos da arte do marinheiro e os métodos, artes e aprestos de pesca.

Rosado sol-pôsto
Cariz bem disposto...

...e ao romper da aurora, lá vão para a faina da pesca, no rio ou no mar, sabendo bem que o peixe não aparece onde queremos, mas quando o procuramos. Nada se faz sem trabalho e sem paciência.

O pescador é diligente e sofredor mas, em geral, só se interessa pelo peixe quando o pesca. Arrisca a vida para o apanhar; porém, chegado a terra, é capaz de vendê-lo por uma miséria, esquecendo os riscos que correu e o lado prático da vida.

Pesca por necessidade, mas fá-lo com paixão. A Escola aproveita as tendências dos rapazes, cultivando-lhes o gôsto de viver para a profissão, sem nunca dela se saciarem.

E os que fizeram o curso êste ano — que eu vi atentos, aprendendo a ler cartas de marear, a servir-se de variadíssimos aparelhos de pesca, a transmitir mensagens no mastro de sinais e assistir, devotamente, às cerimónias da bênção dos navios do bacalhau — lá andam agora, nos bancos da Terra Nova, embarcados nos pequenos «dóris», pescando cheios de crença e de fé em Deus!

JOSÉ VINHAIS

CAMINHA NUMA ESTAMPA DE 1669

Pelo Professor ALBERTO DA ROCHA BRITO

Tão linda, pelo menos, e mais pitoresca, certamente, do que a dos nossos dias era Caminha dos séculos idos, pois ostentava então o caixilho de oiro velho da sua tríplice muralha, que emoldurava a vilazinha branca e verde, aninhada no sopé da colina e acariciada pelos dois formosíssimos rios: o Coura e o Minho!

O tempo e, mais do que êste, o vandalismo dos homens, com a incompreensão do verdadeiro progresso, foram deitando por terra a dura muralha de D. Denis, de forte granito, «bem ajustado». Pouco resta já daquelas pedras seculares e venerandas.

Felizmente, um florentino de nobre estirpe — nada menos que o sumptuoso Cosme III de Médicis, Príncipe da Toscana — passeando por Espanha e Portugal a sua neurastenia, pousara na vilazinha minhota, acompanhado de luzida e numerosa comitiva, umas trinta pessoas. Verdadeiro fidalgo pelo sangue e mecenas da arte por sentimento e tradição, não se esquecera de trazer consigo o pintor Pier Mario Baldi, espécie de «repórter fotográfico» da época.

Como a incomparável paìsagem da terra, céu e água, tentara o pincel do artista, ei-lo a retratar a face donairosa e simpática da vilazinha, que assim ficou para sempre gravada entre as dezenas de aguarelas da viagem.

No último de Janeiro de 1669 Baldi fincara o cavalete na ilhota fronteiriça e daí, febrilmente — que o tempo voava — ia pintando, enlevado, o azul diáfano do céu e o verde transparente do rio de águas dôce-salgadas como a saùdade e entre estas duas tiras o branco espelhante do casario cingido no anel de oiro-fôsco dos seus muros. Por fundo a terra quente dos montes de Santo Antão e da Argela.

Com a estampa por guia e com o manuscrito de 1739, guardado na Biblioteca do Pôrto e editado no «Vianense» em 1878 é-nos possível imaginar, a correr, pois nos falta o espaço, a face da graciosa Caminha, tão aprazível quanto hospitaleira, inspiradora do seu filho anónimo que a descrevera nas 156 páginas da sua memória.

A antiqüíssima vila «terá de circunvalação um quarto de légua e de tal sorte fica cercada de água à raiz do Monte de Santo Antão que parece uma península o seu território, o qual é muito capaz de jardins, hortas e pomares». Cingem-na três ordens de muros, já sem ameias, apenas existentes em duas das suas dez tôrres, das quais três são grandes — a do Relógio, a da Piedade e a do Marquês.

Entra-se para a vila por quatro portas abertas nas muralhas. A mais importante abre-se na Tôrre do Relógio, que olha para o Sul e tem por cima uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, aí mandada colocar por D. João IV.

A tôrre que sobrepuja esta porta e que tão bem se vê na aguarela de Baldi «é muito preciosa». Sôbre ela está «uma elegante armação fabricada de ferro com todo o primor e valentia da arte», sustentando o sino do relógio «que é o de melhor voz que se acha nestas vizinhanças». Foi fundido em 1610 por se ter quebrado; pesa 8 quintais e a grimpa onde está pendurado foi feita em 1597.

As outras portas são a da Senhora da Boa-Hora, a do Marquês, que dá para o poente, e a do Sol, que se abre na Tôrre da Piedade, obra de D. Afonso III (1260).

No meio da Praça ergue-se o elegante chafariz invisível na gravura, escondido como está pela muralha; a sua água tem a singular virtude de dar boa voz a quem a bebe, afirma o cronista. A ela se atribui «saírem daqui tão excelentes cantores». Na estampa vê-se ainda a Igreja paroquial, cuja padroeira é Santa Maria dos Anjos. «É uma das mais magníficas e primorosas que daquele tempo tem o Reino e a sua primeira pedra foi lançada em 4 de Abril de 1488». Fundaram-na os moradores com o auxílio de D. Manuel. Tôda de cantaria, ricamente lavrada, é obra do biscaínho João Tolosa e sustentada do exterior por «fortes estribos». A tôrre, muito alta, elegante e coroada de ameias, é de Diogo Enes. A parte principal dá para o poente, mas é sem dúvida a ponta lateral, a do Sul, a mais formosa, com as viagens dos quatro evangelistas e encimada pelo Calvário, «cuja delicadeza admira na dureza da pedra».

Baldi também se não esquece do Convento de Santo António dos Capuchos, situado no outeiro mais alto da vila, donde se descortina um panorama grandioso: — «Os dois rios, o mar, os dois reinos», o monte de Santa Tecla com o seu perfil de Vesúvio e, já na foz, a Ínsua tôda cercada de muralhas. Não se vê na estampa, mas não devemos esquecer a Igreja da Misericórdia, edificada a partir de 21 de Maio de 1551, nem o grande cruzeiro que se erguia defronte e o tempo levou...

Grato a êste rincão paradisíaco, onde tenho passado dias serenos e aprazíveis das minhas férias, dedico-lhe esta lembrança, que eu queria mais desenvolvida, como Caminha — a linda — bem merece.

Passa o andor e o povo ajoelha-se. Concentra-se e reza, de olhos fechados. À frente, a Verônica, os anjos, pálios e pendões. Mas quem vai na procissão não vê a procissão. Das janelas e varandas ornamentadas, sim — é que o espectáculo é belo, majestoso, comovente!

As nossas procissões

pelo P.^e MOREIRA DAS NEVES

Por mais que tentássemos fechar os olhos ao espectáculo da vida religiosa portuguesa, jámais conseguiríamos permanecer ausentes daquelas idéias-fôrças que inspiram e comandam o espírito na nossa terra.

Para além de todos os cepticismos e mais fundas do que tôdas as paixões do sangue — encontraremos sempre as razões de crer e de esperar.

Estas razões manifestam-se em cada transe e têm nas festas litúrgicas, ou de carácter alitúrgico mas religioso, uma das afirmações mais encantadoras da alma popular.

Quem viu passar, alguma vez, uma procissão, que nela não sentisse, penitente e agradecido, o génio de Portugal, que nasceu a rezar? Terra de procissões, chamou a Portugal António Nobre.

As procissões testemunham, não apenas a nossa crença, senão também as virtudes líricas do nosso temperamento.

Elas antecedem a formação das falanges guerreiras, nas horas em que a Pátria pede espadas, e a abalada, em sonho heróico, para as descobertas do mundo.

Umas são tristes e arrastadas, como cortejos fúnebres medievais; outras são garridas e vibrantes, desafiadoras daquela formosa Estrada de S. Tiago que se vê no céu.

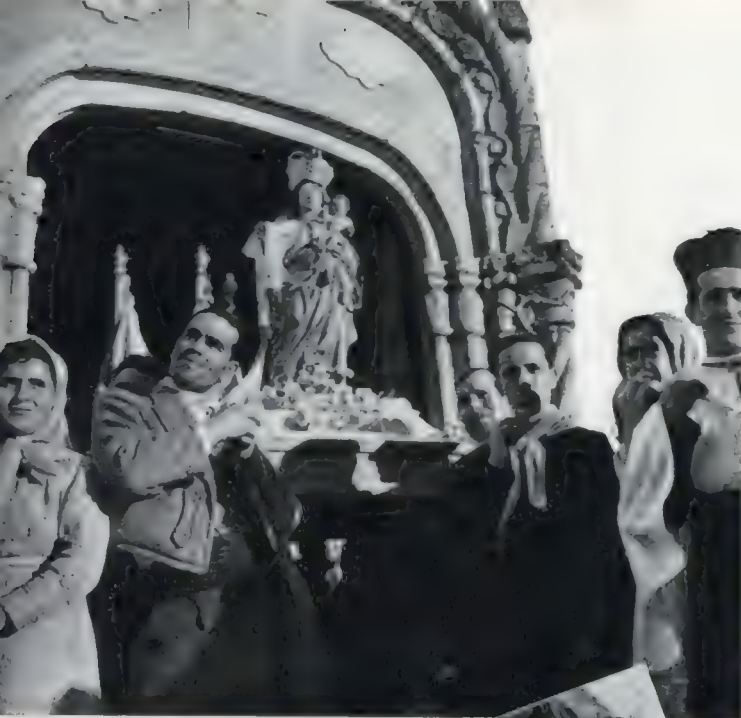



FOTO TOM

FOTOS DE A. BIVAR

FOTOS DE JOSE AUGUSTO

Expressão de angústias e alegrias, são também as procissões nota sagrada de beleza a animar a paisagem.

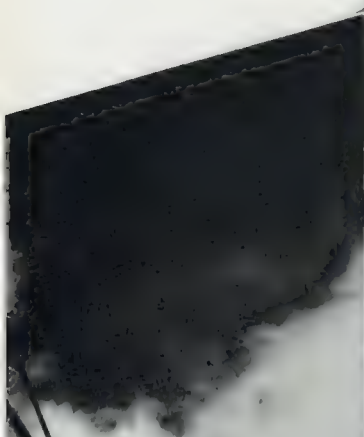
Vão nelas mãos erguidas e olhos confiantes. Oiros e luzes, sêdas e pratas. Andores. Sob pálios altos, refulgem custódias e relicários. O vermelho das opas flutuantes, a graça branca dos anjos, a palpitação aérea da bandeiras são outros tantos cânticos de côr, sinfonia radiante das almas e das coisas.

Enquanto caem dos campanários os repiques dos sinos e das janelas se despejam açafates de pétalas, sobe da poeira dos adros e dos caminhos o perfume das ervas pisadas. Estralejam foguetes. Alvoroçam-se as crianças com as músicas e os tambores.

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

Cada procissão é, assim, um quadro e um poema. Pintores e poetas, não inventem!

Procissões de Portugal! — Com que ternura as evocamos, nas tardes melancólicas da vida, num regresso doce de espírito aos tempos da nossa infância! Continuem elas a sua marcha de prece e de louvor, para que seja cada vez mais pura e mais fecunda a comunhão dos corações, no mesmo acto perene de esperança!

FOTOS DE MANFREDO E DE JOSÉ AUGUSTO

Aqui, no nosso Tejo, os barcos bacalhoeiros são mais bonitos. Os mastros miram-se nas águas, como num espelho... Mas o seu destino não é, como se sabe, ornamentar a paisagem. — E a hora da partida já está próxima.

FOTOS DE
JOÃO MARTINS

PARTEM OS BACALHOEIROS

por Merícia de Lemos

FOTOS DE JOÃO MARTINS

O Tejo *a caminhar! A Sagres! Um contra-torpedeiro... Um carvoeiro inglês... Um cargueiro suíço...* O Carvalho Araújo... *Outros barcos... E os bacalhoeiros prestes a partir, uns ao largo, outros acostados. Foram-se os navios de turismo. A guerra torna os cais mais austeros. Para os pescadores que se vão nos lugres, a luta é acrescida de perigos. Hoje, mais do que nunca, são soldados: — Soldados da vida, que mais é que soldados da morte.*

Já vai embandeirado, a caminho da barra, o Ana Maria *e a companha embandeira de branco, acenando com os lenços.*

O Labrador, *tão pequeno, quási sem lugar para o preciso, tem agora mais gente que à partida. Naquele espaço restrito, onde vivem mais de quarenta homens — aí cozinham, aí dormem, aí comem — nestes últimos tempos de preparativos; ainda têm consigo a bordo as mulheres e os filhos. As cortinas de flores, ingènuamente azuis e encarnadas, enternecem, na sua inutilidade, nos* beliches *de excepção.*

A vida mais rudimentar. Simplicidade absoluta!

O cozinheiro amassa o pão e, a seu lado, uma mãe dá de mamar ao filho.

O barco a carregar o sal amontoado no cais ou na fragata.

Os homens a carregarem saüdades. Apesar de tantas, não haverá lazeres para as sentir. A faina na Terra Nova é rude. O trabalho do pescador é árduo, e o capitão tem que ir à caça para ter isco; é êle, ainda, o telegrafista. O segundo entende do motor, a parecer brinquedo — também, se o vento fôr amigo,

para pouco será preciso! — faz de enfermeiro e leva arnica consigo.

Os males serão poucos. Vão na viagem os cães, que as dores, antes de atacarem os homens, vão aos bichos. Guardam esta superstição, tanto ou mais que o Santo Seimão. Todos têm um cantinho pessoal, onde penduram os retratos das mulheres, das crianças, várias imagens, quási sempre a de Santo António.

Seus amores de terra! Lá, conta o peixe... o céu e o mar, em que mal reparam se a sua côr é azul, ou é verde.

Levam nos olhos o trabalho severo, de domínio, de perigosa faina.

O trabalho severo deve ser cinzento, e é sempre o mesmo, quer nos lugares grandes, quer nos pequenos. Mas a verdade é que os pescadores que vão no José Alberto, *são privilegiados, no barco, nas acomodações. Têm mais espaço, têm «chauffage» e vinho para tôda a viagem. Água que não vai nos tanques de óleo, um paiol melhorado, caixas cheias de bom sal.*

No José Alberto, *as calças, as camisolas, os encerados, pendurados nos dories, agora hibernando, empilhados, acenam às outras roupas estendidas nos lugres mais pobres e pequenos, um nadinha vaidosas, senão orgulhosas do seu armador.*

O dorie, o pescador, a agulha...
O peixe, o mar, o trabalho...
A pesca, o escalar, a salga...
Seis meses a lutar.
Um dia, os panos a deitar por fora...
A volta!
E, para o ano, outra viagem!

FOTOS DE JOÃO MARTINS

STUART de Carvalhaes é um artista que todos conhecem e admiram, pela prodigalidade da sua fantasia, o timbre do seu estilo inconfundível e a graciosa ironia, por vezes dramática, do seu espírito de observador • É justo, portanto, que inauguremos com um trabalho seu a página que PANORAMA vai consagrar, regularmente, a reproduções de gravuras e desenhos inspirados em assuntos portugueses.

CONCURSO DA CASA PANORAMA

, anunciado no nosso número anterior, será um CONCURSO ANUAL, destinado aos jovens Arquitectos portugueses e aos Alunos do Curso Superior de Arquitectura de Lisboa e do Pôrto ★ *O 1.° Concurso, a realizar-se êste ano, é especialmente dedicado a Casas de Campo, para serem construídas nos Arredores de Lisboa ou do Pôrto, podendo, portanto, os concorrentes optar por qualquer dos dois casos* ★ *CONDIÇÕES:* **1.ª** – *Cada casa, de um só piso, deverá compor-se de:* – **a**) *uma Sala Comum, isto é: de estar e de refeições, com lareira;* **b**) *um Quarto de Casal;* **c**) *um Quarto para Filhos;* **d**) *um Quarto para Filhas;* **e**) *um Quarto para Hóspedes;* **f**) *uma Cozinha minúscula;* **g**) *uma Casa de Banho com W. C.;* **h**) *um Quarto-Cabine para duas criadas;* **i**) *um W. C. com chuveiro;* **j**) *uma pequena Dispensa-Armário* ★ *Nota: – Dentro da plena liberdade concedida aos concorrentes para resolver os problemas de arquitectura e de estética ornamental, deverá atender-se aos caracteres paìsagísticos dos arredores escolhidos (de Lisboa ou do Pôrto), ao máximo aproveitamento dos materiais locais – bem como das áreas e dos volumes – e, ainda, a uma distribuïção racional quanto à arrumação dos móveis – podendo, por exemplo, as camas sobrepor-se, como nos «beliches».* **2.ª** – *A implantação deve obedecer às melhores condições, relativamente aos ventos predominantes e ao Sol.* **3.ª** – *Os concorrentes devem entregar na Redacção do* PANORAMA *junto com um envelope lacrado que contenha o seu nome e a divisa por fora: – Um desenho de implantação, num terreno ideal não superior a 3.000 m²; um corte, uma planta e um alçado do ante-projecto.* **4.ª** – *O prazo de entrega dos trabalhos termina em 15 de Julho próximo.* **5.ª** – *Haverá 3 prémios: o 1° de ESC. 5.000$00; o 2.° de ESC. 3.000$00 e o 3.° de ESC. 2.000$00.*

O júri é constituído pelo Director do S. P. N., que presidirá, pelo Arquitecto Jorge Segurado e pelo Artista Bernardo Marques, Director Gráfico do

CONCURSO DA CASA PANORAMA

, anunciado no nosso número anterior, será um CONCURSO ANUAL, destinado aos jovens Arquitectos portugueses e aos Alunos do Curso Superior de Arquitectura de Lisboa e do Pôrto ★ *O 1.° Concurso, a realizar-se êste ano, é especialmente dedicado a Casas de Campo, para serem construídas nos Arredores de Lisboa ou do Pôrto, podendo, portanto, os concorrentes optar por qualquer dos dois casos* ★ *CONDIÇÕES:* **1.ª** *– Cada casa, de um só piso, deverá compor-se de: — a) uma Sala Comum, isto é: de estar e de refeições, com lareira;*

CONCURSO DA «CASA PANORAMA»

Nota: — *Na condição referente ao prazo da entrega dos trabalhos, em vez de 15 de Julho, leia-se 15 de Outubro.*

★ ★ ★

2. NÚMERO ESPECIAL DE «PANORAMA»

Aviso: — *Com o fim de comemorar a entrada no terceiro ano de publicação, os números 15 e 16 — respectivamente de Junho e Agôsto — formarão um só número especial que sairá em Julho, e onde mais desenvolvidamente serão tratados assuntos de Arte, Turismo e Realizações de interêsse nacional.*

3.ª *– Os concorrentes devem entregar na Redacção do* PANORAMA *junto com um envelope lacrado que contenha o seu nome e a divisa por fora: – Um desenho de implantação, num terreno ideal não superior a 3.000 m²; um corte, uma planta e um alçado do ante-projecto.* **4.ª** *– O prazo de entrega dos trabalhos termina em 15 de Julho próximo.* **5.ª** *– Haverá 3 prémios: o 1.° de ESC. 5.000$00; o 2.° de ESC. 3.000$00 e o 3.° de ESC. 2.000$00.*

O júri é constituído pelo Director do S. P. N., que presidirá, pelo Arquitecto Jorge Segurado e pelo Artista Bernardo Marques, Director Gráfico do

A CASA DE LINDA-A-PASTORA ONDE VIVEU CESÁRIO VERDE

por Carlos Parreira

João Baptista Verde, irmão de D. Mariana Verde, que à nobreza laboriosa do seu nome de família, acrescentou essoutra entretecida das fulgurações do génio e de compromissos solenes com a Posteridade e o Sofrimento, desposando Domingos António de Sequeira, — quando comprou a um padre a casa de Linda-a-Pastora, de um andar, tôda afestoada de janelas, em absorção perante horizontes extáticos, limitados por longes de rio, quando a comprou, para a rechear dos quadros e outras coisas de Arte, que formavam a atmosfera das suas curiosidades de raro, — João Baptista Verde não imaginava como, decorridos tantos anos, ela viria a constituir um lugar bem merecedor de peregrinação, para os que o mistério da comoção poética enlevou para sempre no seu fio de Ariane...

Esta tendência do amoroso de telas de mestres e velharias preciosas, cuido eu que poderá filiar-se, também, em razões de hereditariedade.

Justifica o que afirmo, êste simples caso: Manuel Baptista Verde, seu pai, dono da loja de ferragens e artigos de papelaria, que situava a prosperidade honrada do seu comércio, no prédio da Rua dos Fanqueiros, onde hoje está o Banco Burnay, — vê entrar, uma vez, pela porta do estabelecimento, um bom senhor desconhecido. Pediu um lápis, e, para o experimentar, desenha num bocado de papel, que trazia, um esbôço de figura. Manuel

Junto desta janela da casa de Linda-a-Pastora, que se abre para uma paisagem ampla, suave e colorida, compôs o Poeta alguns dos seus maravilhosos versos. A mesa pertenceu a Garrett e nela trabalhou, também, Pinheiro Chagas. Ao alto a quinta e a casa, vistas da curva da estrada.

Baptista ia seguindo a feitura do esquiço, e, imediatamente, marcando, assim, o fino instinto do seu gôsto, coincidindo com as proficiências do industrial, observa para o freguês: — Não é o pintor Domingos de Sequeira?

Era. E também o futuro marido de sua filha Mariana... Porque, convidado logo ali, para uma visita a casa do dono da loja, depressa um convívio de afinidades se estabeleceu, repartido de encantamentos comuns, e de que participava o grácil «querubim do lar», figura melódica de *ex-voto,* que o Destino tinha reservado, como uma oblata, para a grande ânsia de Ternura daquele feiticeiro dos excelsos sortilégios da Arte.

*

É já uma verdade de pouca substância que, à maneira do que acontece com certos de nós outros, como punição por, ignorando a valia de sermos homens, julgar-

O único retrato fotográfico que actualmente existe de Cesário Verde e que, por isso, constitui um importante documento iconográfico, até agora inédito. Devia ter, então, 17 ou 18 anos. — Um dos mais característicos recantos da sala de entrada, com móveis do tempo do Poeta, retratos de parentes e a mais jovem descendente da família.

mos que conseguimos *mais ainda,* ambicionando ser deuses, — os sítios têm também a sua fatalidade, ou melhor: a sua predestinação.

Esta casa de Linda-a-Pastora não é, na verdade, uma casa vulgar, uma dessas tranqüilas residências que transmitem amorfamente, através do ronrom apático de gerações e gerações, a atonia do seu ordenamento arquitectural, sem nenhum incidente interior, digno de dever projectar-se nas retentivas do porvir; com um amanhã igual ao ontem, do mesmo modo cabeceado de sornice.

Podia bem tê-la imaginado o génio helénico de um Shakespeare.

Recheada das coisas ótimas com que a enriquecera o seu comprador: «potiches» e móveis de boa linhagem; quadros rezando momentos idílicos de paisagem, ou perpetrando engonçamentos esbeltos de sobranceiras varonias; desenhos e «sangüíneas» do Encantador do Século XVIII português (a grande pessoa da família); guarda devocionalmente zelosa de autógrafos e retratos, de manuscritos e «recordações», — veio um incêndio e reduziu a cinzas as dependências onde êsse mundo de maravilhosos mundos da Sensibilidade criadora e da Memória afectiva, emparceirava, comprimido, arrumado ali pelas imposições do exílio.

Jorge Verde, o então proprietário da casa, — em Paris, onde espairece, com o derivativo de actividades comerciais, as suas nostalgias de emigrado, — Jorge Verde, na fluida Capital do Espírito, sabe da catástrofe. Dupla e excruciantíssima tormenta! Verificar que tudo se foi, na «cinza e nada», do profeta, e não o poder deslocar-se até *lá,* para, na amálgama dos destroços, no caos do que o braseiro não destruíu de todo, forcejar por reconstituir um migalho ao menos, de tantos tesouros perdidos.

Data, decerto, dêsse acontecimento funesto a misantropia que, exasperada pela perda da companheira compreensiva, de quási meio século de coincidência sentimental, — acabou por o levar da vida, aos setenta e três anos, todo sacudido de um longo soluço, como uma ramada de salgueiro, dobrada ao açoite das ventanias.

Foi em Paris, de resto, que a Jorge Verde, o irmão de Cesário Verde, veio a convicção, mais: a certeza de que era um poeta de *water colours,* finamente irizadas de uma claridade difusa de ante-manhã, ou refrangendo nevoaceiros de lua minguante, e dadas, dir-se-ia, por um pincel mais amoroso de reflexos que do concreto dos tons:

Que lindo, o campo! O trigo agora loiro
Ondeia suavemente aqui e ali;
E o seu aspecto é tal, que o dizem d'oiro,
Mas oiro assim tão lindo inda o não vi!

... Se um cisne famoso andasse
Com outro cisne à porfia,
Não creio que deslizasse
Como ela, qu'rendo, o faria...

O corpo do prédio que foi quási destruído pelas chamas, no qual existiam numerosas preciosidades bibliográficas e artísticas — entre as quais vários desenhos de Domingos António de Sequeira.

Um pormenor do actual jardim. — A irmã do Poeta, cuja morte prematura êle cantou: «... a minha doce irmã / Como uma ténue e imaculada rosa / Dava a nota galante e melindrosa / Na trabalheira rústica, aldeã.»

Todos os recantos da casa, da quinta e do jardim, apesar-de transformados, evocam a presença de Cesário Verde. O carácter da paisagem é ainda o mesmo que êle «fixou» no poema «Nós». O tempo respeitou algumas espécies botânicas que o impressionaram na adolescência, como a exótica piteira que ainda se encontra junto das traseiras da casa.

... a mim que adoro a pompa
Das fôrças...
... Ah, que brava alegria eu sinto, quando
Sou tal qual como os mais e, sem talento,
Faço um trabalho técnico, violento,
Cantando, praguejando, batalhando!

Olho para lá da janela aberta sôbre o fim da tarde, que começa a elevar-se do fundo absorto da paìsagem, como uma pixide em ofertório: longes de vegetação sobrenaturalizando o espaço, catequizando de matizes lindíssimos asperezas de montes...

E os versos magníficos, de um tão longo rebôo melódico, como que sussurram no ambiente:

E o campo desde então, segundo o que me
[lembro,
É todo o meu amor de todos êstes anos.
Nós vamos para lá, somos provincianos
Desde o calor de Maio aos frios de De
[zembro...

Março de 1942.

FOTOS DE HORACIO NOVAES

Penso que Jorge Verde é um caso de renúncia, particularíssimo, fazendo do preito que lhe merecia a personalidade tamanha de seu Irmão, uma espécie de mística, semelhante à que *ilumina* os «possuídos de Deus».

O irmão Cesário! Por via de cuja estada sob êstes tetos de bênção, a demorar a sua bôda de «prometido» da Morte — eu disse no começo destas páginas que bem merecia a casa de Linda-a-Pastora vir a constituir para os sequiosos de ritmos um lugar sacro de peregrinação!

A lembrança do seu *ter vivido aqui,* como que a preenche de um *genius* propiciatório dos pensamentos moldados em imagens e do culto ansioso e discreto da Beleza a redimir o quotidiano comezinho...

Ali, naquela parede da confortável sala de receber, onde, dentro de minutos, verei surgir a Figura esguia, de uma esbeltez solene e triste, da sobrinha do Poeta, verdadeira musa de um *mistério* antigo, expiando o delito da sua superioridade feminina, — ali esteve sempre o retrato, de entre os 17 e 18 anos, do sinfonista de *O Sentimento de um ocidental;* retrato em que o adolescente, que repta a vida, de olhos em flâmula inquieta, autêntica «réplica» de um triunfador de jogos olímpicos, perfeito exemplar das higiénicas raças do norte, — parece que vai juntar os lábios para enunciar bocados de versos, que já lhe andariam nas nebulosas do plasma criador:

O ALGARVE VISTO POR UMA PINTORA FRANCESA

SE um dos traços mais diferenciadores da paisagem portuguesa é (pela diversidade de formas, riqueza de côr e forte luminosidade) a *fotogenia*, o Algarve talvez seja a província onde essa virtude se torna mais saliente.

Por estranho e paradoxal acaso é, também, de tôdas as regiões continentais, a que tem sido menos fotografada.

Mas esta deficiência encontrou uma feliz compensação: pintor que passe pelo Algarve, não sai de lá sem projectar em várias telas o encanto que a paisagem emana e as imagens vibrantes que lhe imprime na retina.

Foi o que aconteceu com a pintora francesa Hélène de Beauvoir — que em Fevereiro passado apresentou, no estúdio do S. P. N., algumas dezenas de sugestivas paisagens feitas em Faro — onde reside — na praia da Albufeira e noutras terras próximas da capital algarvia.

Aqui reproduzimos três dêsses trabalhos, lamentando não poder acrescentar ao acêrto da composição, ao interêsse dos motivos e à graça dos movimentos fixados, o fresco e vivo colorido com que Hélène de Beauvoir conquistou a admiração dos mais esclarecidos apreciadores de pintura moderna.

Duas cenas do carregar do sal, em Faro

Barcos e burros na alegre praia de Albufeira

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

A sumptuosidade das instalações e o serviço irrepreensível do Aviz Hotel provocam a admiração dos mais ilustres visitantes estrangeiros

AVALIA-SE o grau de civilização e de progresso de um país que se visita, por tudo o que se nos apresenta ou pode ver, como as obras de arte e os monumentos, o conjunto arquitectónico, os parques e jardins, o aspecto das ruas e avenidas.

Do nível de vida — da cultura e do bom gôsto, do grau de higiene e de confôrto — são, na maior parte dos casos, os hotéis, pousadas ou albergues — salas de receber os estranhos — os únicos índices de apreciação. Daí a grande importância da indústria hoteleira, principalmente para um país que, como o nosso, pela sua situação geográfica, está destinado a receber as mais altas entidades que cruzam o mundo da política e dos negócios, e a ser escala forçada das mais importantes carreiras internacionais.

Entre nós, tanto na capital como em vários pontos do país, existem já magníficos hotéis com todos os requisitos que o turismo internacional possa exigir. Nêste número, o Hotel Aviz, em Lisboa, de que hoje se reproduzem alguns aspectos.

As suas modelares e luxuosas instalações, o ambiente confortável e acolhedor que oferece aos mais categorizados estrangeiros que nos visitam, fazem dêle um dos melhores valores do turismo nacional.

A simples transcrição de algumas apreciações de afamadas personalidades mundiais que o têm freqüentado, tiradas ao acaso dentre as centenas de autógrafos arquivados no seu livro de hóspedes, melhor o demonstra. Assim Deneys Reitz, hoje alto comissário da União da África do Sul em Londres, considera êste hotel «como o lugar mais principesco onde jamais teve a felicidade de estar» e termina dizendo «que a suite *onde*

A V I Z   H O T E L • L I S B O A

dres. H. W. K. Wontner. que para dar a sua opinião sôbre o Aviz Hotel escreveu apenas esta palavra «Unsurpassed»: — insuplantável.

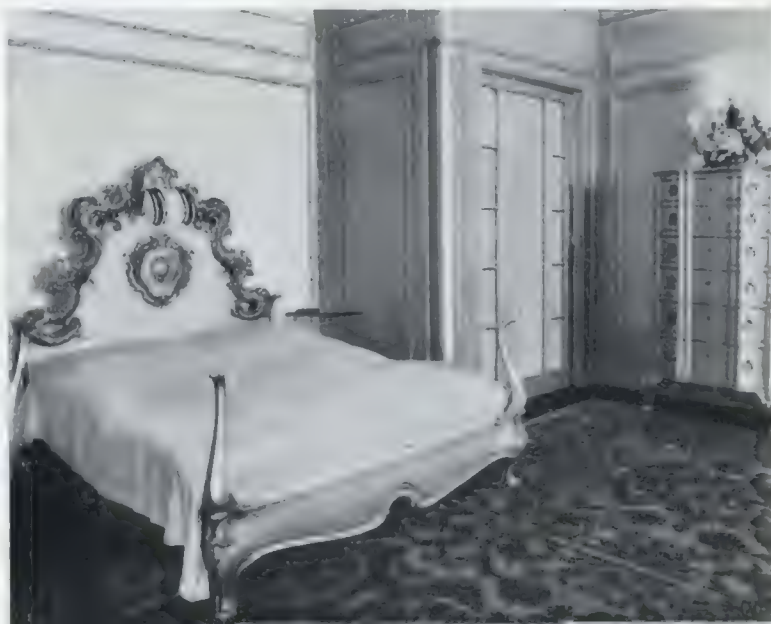
A. C.

AVIZ HOTEL . . . É, em Lisboa, um hotel europeu de fama internacional

esteve instalado era digna de dois reis». King Vidor afirma «que por causa do hotel Aviz vai recomendar que todos os americanos que viagem passem por Lisboa».

Robert Curtius, por tôdas as razões que enumera, conclue «que o Aviz é para êle o mais belo hotel do Mundo».

Entre muitas outras opiniões altamente elogiosas dos mais ilustres viajantes, destaca-se, pela função de quem o subscreve e pela sua expressiva concisão, a do actual Presidente da Associação de Hotéis e Restaurantes, de Lon-

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

FIGUEIRÓ DOS VINHOS — Nem tôdas as campanhas promovidas no nosso país são ineficazes. Aqui está um exemplo: — Figueiró dos Vinhos, ouvindo o nosso apêlo para que se melhore a qualidade gráfica dos *postais de propaganda turística,* pediu aos Serviços de Turismo do S. P. N. que mandasse lá um fotógrafo, a-fim-de fixar alguns aspectos mais interessantes da pitoresca povoação. Eis o resultado. Nestas reproduções das fotografias feitas por Eduardo Portugal, já ficam valorizadas as excepcionais condições duma terra progressiva, em todos os capítulos, como pode verificar-se, visitando-a — ou lendo a recente publicação «Doze Anos de Administração Municipal (1930-1942)», de Manuel Simões Barreiros.

Pormenores de Olhão, Lagos e de uma das pontes sôbre o rio Arade em Portimão

IMAGENS DO ALGARVE

FINDA a longada pelas grandes rectas da estrada através de Castro Verde e Almodovar, onde a vista se cansou, por vezes, na imensidão monótona da planície; vencida a estepa alentejana, a paìsagem movimenta-se e alegra-se à proximidade do Algarve.

A fronteira das duas províncias forma-a o acidentado montanhoso, sulcado de vales onde serpeiam regatos, que se levanta, abrupto, do lado do Alentejo e vai a esbater-se lentamente por campos cultivados de uma flora especial, cuidados como se fôssem jardins, até às luminosas praias que bordam o litoral.

Não se encontram, freqüentemente, duas regiões vizinhas tão diferenciadas. O ambiente campestre algarvio, dado pela sua vida regional, é típico e cheio de pormenores curiosos.

As casas, onde quer que se encontrem, quási tôdas com mirantes; com os terraços (açoteias) para onde se sobe por escadas exteriores; as chaminés sempre diferentes, algumas magnìficamente trabalhadas; as gelosias e os ferros de lança que ornam os ângulos dos telhados; os pátios e as noras de rodas com alcatruzes, dizem — a par de muitas lendas, tradições, costumes e outras manifestações da vida popular — quanta influência ainda ali se mantém da dominação dos mouros.

A paìsagem em que o verde da vegetação dos campos e os tons dos pomares, das palmeiras anãs e dos agaves, contrastam com o avermelhado do terreno, e onde as casas sobressaiem em manchas brancas, tem inconfudíveis aspectos e trechos admiráveis.

Espectáculo único na terra portuguesa proporciona o Algarve no inverno, especialmente em Fevereiro, quando a floração das amendoeiras cobre a paìsagem de um branco puríssimo, de quando em vez salpicado de tons rosados, e lança no ar o seu aroma delicioso, subtil; — espectáculo de tanta beleza, que mereceu do povo explicá-lo numa das nossas mais ingénuas e maravilhosas lendas de amor.

O clima suave da província algarvia deve-se às montanhas que se elevam ao norte, defendendo-a dos ventos agrestes e à brisa que recebe do oceano que a envolve, ao sul e ao poente.

Pelos caminhos fora, sob um céu azul vibrante, profundo, duma luminosidade por vezes estonteante, ou nas noite esplendorosas de luar, de que nos falam as lendas de mouras encantadas, vai-se de olhos presos no pitoresco da paìsagem, no seu colorido, afagado por aquêle ambiente harmonioso, sugestivo de emoções, sorvendo ao mesmo tempo, guloso, o perfume quente, excitante, que se condensa no ar, exalado das alfarrobeiras, das amendoeiras, dos pomares, dos «fumeiros» e das destilações.

Ao chegar à costa, atingida qualquer das praias da orla sul da província, as da parte ocidental, as de barlavento, não esmorece o entusiasmo do turista, antes ao contrário, redobra de intensidade. Abre-se em frente o formoso espectáculo de forma e côr que dá a larga superfície macia do mar, que a reverberação do sol embebe de reflexos de metal candente, rica em tonalidades que vão do glauco leve ao azul anilado das águas mediterrâneas; os rochedos e penedias multicôres, enegrecidos até onde lhes bate a água e de remates sêcos e amarelecidos pelo sol, recortados em sinuosidades, talhadas pelas marés e pelos ventos, abertos por túneis e grutas profundas, erguidos solitários na areia fina e doirada das praias, semelhantes a esfinges, amontoados brutamente a cair pelo mar dentro como tôrres de castelos em derrocada, ou postados ao longo da costa em leixões franjados de algas verdes, emergindo do mar que nas restingas e nos cachopos rola espumas irisadas.

«... Não há perspectiva nem paìsagem marítima, — escreveu Teixeira-Gomes — que me não empalideça na imaginação, à lembrança e ao confronto dos trechos da costa algarvia que conheço».

De Faro ao Cabo de S. Vicente estende-se a estrada que dá acesso às praias de barlavento. E não só às praias, mas a tôda a região, a mais bela da província, que tem o ponto culminante no circuito *Monchique-Praia da Rocha-Sagres*. Por êste percurso, marginado a espaços por quintas, veigas e pomares vão-se encontrando típicas povoações brancas, rurais e piscatórias, onde

Nas salinas. — Executando trabalhos de «empreita»

arredores magníficos e, por entre campinas e vergéis, onde rareiam as árvores, com o oceano à vista, a *Sagres* e ao *Cabo de S. Vicente*.

Mas o Sotavento — de Faro a Vila Real de Santo António — tem também as suas praias, os centros populacionais e os campos retalhados de culturas de milho e tremôço, de hortas, pomares e vinhas que chamam a atenção do forasteiro. A 9 quilómetros de Faro, à beira da laguna, está a vila de *Olhão*, terra de marcantes e meio industrial importantíssimo, cujo pôrto está ligado ao daquela cidade pelos canais da ria. Para ver Olhão, não é suficiente percorrer-lhe as ruelas e afoitar-se no mistério labiríntico do bairro da *Barreta*, passear pela sinuosa rua do Comércio, ligeiramente mais larga que as outras, mas inacessível às viaturas, pavimentada de mosaico e de passeio ao centro, onde se encontram numerosos estabelecimentos comerciais, e atravessar o *Novo Mundo* — como os olhanenses chamam ao bairro moderno da vila. Olhão vê-se do alto da tôrre da Igreja do Rosário, postada ao fundo da Avenida da República. De lá do cimo, o que se tem ante os olhos é a visão exacta duma cidade marroquina. É como que a junção de todos os vestígios sarracenos que se vieram encontrando, a par e passo, pelos caminhos algarvios. Às casas, aqui, não lhes falta um único pormenor mourisco; a alvura do seu conjunto espectacular, a gente e os seus costumes, levam-nos ao ambiente do norte de África.

De novo na estrada que se lança entre campos cultivados e marinhas, a que o movimento de barquitos vermelhos dá a nota da labuta pesqueira, passa-se por *Fuzeta*, aldeia piscatória de cabanas de junco num caprichoso emaranhado de vielas: *Luz de Tavira*, importante centro hortícola, onde as chaminés de faiança sobressaiem do seu casario; *Tavira*, pequena cidade com algumas preciosidades artísticas; *Cacela*, onde se extingue a extensa restinga arenosa que acompanha o litoral desde Faro; e *Vila Real de Santo António* na foz do Guadiana, vila de urbanização pombalina que lembra, reduzidas as proporções, a *baixa* de Lisboa. Vila Real, cujo pôrto de grande movimento é o entreposto das minas de S. Domingos e da pesca do atum, figura ainda como centro valioso da nossa indústria conserveira. Os seus arredores são interessantes, valendo a pena visitar as margens do rio, subindo o seu curso, e *Monte Gordo* — praia de oceano, bastante animada pela freqüência de banhistas na época de verão.

E se o forasteiro se interessou pelo Algarve, não se retirará sem assistir à faina da pesca, especialmente a uma *copejada* de atum; sem visitar uma fábrica de conservas e os *fumeiros* — como chamam aos armazéns onde se prepara o figo, abertos em Setembro; sem ver as salinas e a laboração de muitas outras indústrias, algumas caseiras; não deixará de provar os saborosos doces de ovos, amêndoas e figos e, certamente, comprará alguns curiosos trabalhos de *empreita*.

FOTOS DE CORREIA TOM, ALVÃO E BELEZA

perduram muitos restos da influência dos mouros. Atravessa-se *Loulé* — soberbo miradouro pela sua situação — cujas casas ainda hoje conservam as mais esquisitas chaminés do Algarve; passa-se a uns 5 quilómetros da *Quarteira*, depois por *Albufeira*, vila de curiosos costumes piscatórios, aninhada num recanto duma enseada; *Pêra* e *Alcantarilha*, donde para sul vai um ramal de estrada que leva a *Armação de Pêra*; *Lagoa*, a curta distância de *Carvoeiro*; *Silves*, capital do reino mouro e centro intelectual e de prazer da nobreza muçulmana, de cuja dominação conserva importantes ruinas, e depois sede de bispado: é agora uma cidade industrial corticeira, onde devem visitar-se os seus monumentos de curioso conjunto avermelhado e o rio Arade lugar para belas excursões. Deixa-se Silves por uma estrada variada de graciosos aspectos, a caminho da aprazível Serra de Monchique.

A *Serra de Monchique* constitui uma região excepcional, não só pelas águas das *Caldas*, mas ainda pelo primor da vegetação que a povoa. Ali dá-se um caso único no país: a umidade e o calor, provenientes da altitude e da constituição do solo e da latitude e disposição do terreno, conjugam-se na vertente meridional, do que resulta vegetarem as espécies sub-tropicais ao lado das mais diversas da Europa. A subida pela serra até Monchique faz-se no meio do murmúrio de fontes e ribeiros, entre uma variedade espantosa de flores e arvoredo, como se se andasse por um jardim maravilhoso. Nas *Caldas*, onde estão a realizar-se importantes obras que muito valorizarão o estabelecimento termal, aberto todo o ano, são numerosos os passeios que se podem fazer e, atingido o Monchique, encontram-se outros tantos motivos de agrado para novos passeios, com a ascensão aos dois cumes mais elevados: à *Picota* e à *Foia* (774 e 901 m. de alt.), miradouros de vastos e grandiosos panoramas.

Desça-se agora para *Portimão*, i m p o r t a n t e centro industrial (conservas, moagens, cortiças, serração, metalurgia) de grande movimento portuário, na foz do rio Arade, que é atravessado por duas pontes de ligação com a outra margem. Portimão, sem atractivos especiais para o turista, é, pela sua situação, ponto obrigatório de passagem para Monchique e Praia da Rocha. Retomando a estrada à beira-mar, vai-se a *Lagos*, cidade alegre, de

Nas Caldas de Monchique e em Lagos.
A cosedura de telhas em tejolos.

O TURISMO NACIONAL

e as dificuldades criadas pela guerra

por ANTÓNIO FERRO

Pela flagrante oportunidade e evidente importância das afirmações que contém, arquivamos nestas páginas os passos principais do discurso proferido, no mês passado, em Lisboa, pelo Director do Secretariado da Propaganda Nacional, na reunião dos Delegados do Turismo.

... Foi esta uma ocasião excepcional, talvez única na nossa história contemporânea, pàra os estrangeiros que raramente vinham a Portugal, a esta ponta extrema da Europa, se aperceberem do nosso interêsse, das nossas qualidades: qualidades da paisagem, do clima e do homem. A impressão de muitos foi — não há dúvida — de autêntico deslumbramento. Mas não nos iludamos. Se tal deslumbramento se pode considerar, em grande parte, justo porque nasceu da natural surprêsa em face da revelação de um país que se impõe pelo seu carácter, pela sua beleza, pela sua poesia, nem sempre visível mas sempre sensível, foi também proveniente do contraste entre o inferno donde saíam e o paraíso onde chegavam, e pela visão rápida, superficial, quási sonhada, do nosso país. Ora o combate às nossas deficiências, reconhecidas, localizadas, fáceis, portanto, de atacar, deve constituir a principal ocupação, nesta forçada trégua, que paradoxalmente a guerra nos oferece, do S. P. N. e das Comissões e Juntas de Turismo.

... Para se chegar, porém, a qualquer resultado visível, positivo, torna-se indispensável, urgentíssimo, que se trabalhe com entusiasmo, com dedicação mas, sobretudo, com unidade, com um só pensamento. Sou o primeiro a reconhecer a vossa boa vontade, os vossos esforços, os milagres realizados pelas vossas diminutas verbas. Mas a grande dificuldade, meus senhores, é que se torna impossível, pràticamente impossível, construir uma grande obra de conjunto através da pulverização e dispersão das verbas e das Comissões e Juntas de Turismo. Reünidas, devem perfazer a soma, já apreciável, de seis ou sete mil contos. Dispersas, se cabem a esta zona, ou a esta Comissão cinqüenta ou cem contos, cabem àquela outra, com menos recursos mas não com menos necessidades, cinco ou seis, quando não dois ou três. E assim, se esta pode dar-se ao luxo de pensar na construção de um casino ou de uma piscina, aquela entretém-se a construir limitados e acanhados miradouros onde, em geral, ninguém vai mirar... Ora se queremos, na verdade, que Portugal se transforme num efectivo país de turismo, realidade que aproveitará, mais do que a quaisquer restritos interêsses locais, a tôdas as regiões do país, precisamos de mudar imediatamente de critério. É necessário, para isso, antes de mais nada, que os orçamentos enviados pelas Comissões e Juntas de Turismo ao S. P. N. se uniformizem, se concentrem no mesmo fim a atingir, que reflictam as directrizes que lhes forem dadas, anualmente, nestas reüniões. Devemos agir através de campanhas prèviamente combinadas, em que todos participem, unânimemente, visto tratar-se de debelar males comuns.

O problema da nossa indústria hoteleira

...PELA renovação da indústria hoteleira portuguesa alguma coisa, sem dúvida, já se tem feito. Sem falarmos no esfôrço individual de alguns hoteleiros, que merecem o nosso agradecimento e a nossa homenagem, não é demais relembrar o caminho percorrido, os passos já dados: a obra continuada, lenta mas persistente, das brigadas hoteleiras do S. P. N. que, ano a ano, têm vindo a melhorar, através de indicações, conselhos, e até de certa ajuda material, a fisionomia de alguns abandonados hotéis da província; a construção das Pousadas que tão bons serviços já estão prestando apesar de não se encontrarem ainda em pleno funcionamento, e, enfim, a criação do gabinete dos Serviços Técnicos do S. P. N., que, na medida das suas possibilidades, dá assistência àquêles que pretendem construir novos hotéis ou remodelar os já existentes desde que se sujeitem ao critério e orientação do S. P. N. Mas se tais passos já representam alguma coisa de real, de visível, ainda estão longe de nos ter levado ao fim da estrada. É preciso que os organismos locais de turismo colaborem activamente connosco, procurando animar a construção de pequenos hotéis (não de bisarmas inúteis) nas regiões onde a sua falta é completa, ou começando a proteger, com inteligência e bom senso, os existentes que ofereçam possibilidades de ser melhorados pelos recursos próprios dos hoteleiros e também pelas intervenções oportunas das Comissões e Juntas de Turismo, que devem ajudá-los com assistência contínua e até com pequenos auxílios materiais. Não pode cada uma das Comissões ou Juntas de Turismo, é certo, olhar para todos os hotéis ou pensões da sua área, mas deve e pode dedicar a sua atenção, desprezando em absoluto as clássicas intrigas do bairro, àquêle que se encontra mais próximo do fim a atingir e onde se note, da parte dos seus proprietários, melhor boa vontade, mais segura compreensão do problema. Isto, quanto aos pequenos hotéis de província. Quanto aos dos grandes meios, o assunto só poderá resolver-se completamente no dia em que se enfrente, corajosamente, o problema do pessoal dos hotéis, tão grave como o das instalações dos verdadeiros ou falsos *palaces*. Nesse campo, apenas a criação do Crédito Hoteleiro e a fundação de uma Escola de Hotelaria, dentro de um verdadeiro grande hotel, pode permitir chegar-se, em Portugal, às últimas conclusões do problema.

Certas pequenas negligências...

...NÃO está ao nosso alcance, sem dúvida, a resolução do grande problema da higiene pública, mas há certas pequenas negligências que não nos será difícil fazer desaparecer se existir, em todos nós, profunda compreensão de que tais negligências são fatais para o desenvolvimento do turismo em Portugal. Aponto, para exemplo, a necessidade absoluta, inadiável, de se iniciar uma campanha contra a estrumeira aberta, flagelo das nossas principais estâncias de turismo, onde só as môscas são servidas a tôda a hora... Aquilo que se tem conseguido em tôda a parte do mundo, porque não se há de conseguir em Portugal?

... Que as Comissões de turismo gastem alguma coisa das suas verbas a sacudir definitivamente as suas môscas, e essas despesas serão bem mais úteis do que as destinadas a plantar jardins, com muitos «bonitos», em terras cujo encanto precisamente é confundirem-se com grandes jardins sem grades...

A mendicidade

O terceiro mal, que também pode ser o primeiro, é o espectáculo degradante e humilhante da mendicidade que as autoridades locais não conseguiram extinguir porque não lhe deram ainda, dentro de si próprias, a devida importância.

...Não podem, evidentemente, as Comissões de Turismo resolver o problema até ao fim porque não está nas suas atribuïções nem possuem meios para tanto. Mas podem animar a sua resolução, tomar a iniciativa de juntar, para êsse fim, as pessoas boas da terra, e até dispor, nos seus orçamentos, de certas somas para auxiliar o que nesse sentido se faça, pública ou particularmente. O que me parece inútil é construir miradouros e deixá-los cercar de mendigos que não deixam ninguém aproximar-se dêles... ou substituir as boas vistas por péssimas vistas. Tenha-se a vontade firme, mas *por dentro*, de acabar com a mendicidade... e acabará!

O amadorismo!

O terceiro objectivo desta campanha, que vos proponho, é o combate definitivo (tanto mais que alguma coisa já se tem conseguido) ao mau gôsto literário e gráfico da nossa propaganda turística. Temos de acabar — de uma vez para

sempre — com o *amadorismo,* com as habilidades bairristas do simpático mas incipiente artista local: «O filho do farmacêutico tem muito jeito e faz-nos isso muito mais barato», ou «o meu sobrinho, que ainda ontem teve quinze valores em desenho, dá-nos conta do recado, com certeza». E é assim que constantemente nos aparecem, a reclamar os milagres de certa nascente de água mineral ou a doçura primaveril de certas praias, folhetos ou cartazes de um falso modernismo indigesto, arrepiante, «estilo futurista», como afirmam, cheios de orgulho, (não vão julgar que estão atrasados...) quem os fêz ou os encomendou. Ora, em assuntos de arte, ainda que de arte publicitária, é necessário não possuir orgulhos deslocados, aquela vaidade pueril que se traduz, quási sempre, nesta frase de cabeçudo agastamento: «Não querem lá ver... Como se eu não soubesse muito bem o que hei-de fazer». A humildade, em tais assuntos, acreditem-me, é o grande segrêdo do triunfo. O S. P. N. ganhou, entre amigos e inimigos, segura reputação de bom gôsto em tôdas as suas publicações e iniciativas. Pois bem. O segrêdo é apenas êste: entregar a artistas *(e em caso nenhum a amadores)* todos os seus trabalhos gráficos, ou outros em que a sensibilidade tenha alguma coisa para dizer...

Ora, se o Secretariado da Propaganda não se nega nunca a dar-vos o seu parecer, a fornecer aos organismos locais tôdas as maquetas que lhe são pedidas, porque se insiste na brochura *catita,* no cartaz das termas com tôdas as miüdezas à vista, nos bilhetes postais para deitar fora? A revista «Panorama» — e o seu indiscutível êxito em Portugal e no estrangeiro, onde é considerada modelar — ¿ainda não terá convencido todos os interessados da necessidade imediata de mudar de processos, de renunciarem à sua propaganda que não adianta nada, porque atrasa tudo?

Indispensável, também, acabar com a literatura farfalhuda, balofa de certos folhetos em que se comparam as nossas estâncias às melhores lá de fora, enfatuamento que, ou nos revela ignorância absoluta do sentido das proporções, ou lamentável subserviência em face do estrangeiro que, muitas vezes, nem sequer é melhor do que o nacional.

Valorização do folclore

A última batalha da nossa campanha deve consistir na valorização turística daquêle folclore que está compreendido em cada uma das zonas. O turista, acima de tudo, é um esfomeado de pitoresco, um caçador de coisas diferentes, de novas sensações e visões. Ora, Portugal é um cofre de velhas e coloridas coisas que não são difíceis de trazer à superfície, flauta rústica onde dormem velhos ritmos e melodias e um dos mais sugestivos guarda-roupas da Europa. Medite-se, por exemplo, no interêsse turístico mantido pelo Minho através dos trajos sempre frescos das suas raparigas, dos seus grupos de cantadores e de cantadeiras... Vamos, pois, para a valorização do *folclore* nacional, através de concursos de trajos, arranjo das habitações rústicas, das canções populares etc., etc.... Mas cautela, muita cautela com o perigo dos *ranchos* aperaltados, muito finos, com pandeiretas e fitas... Cautela com o profissionalismo do *típico*... O folclore deve ser, apenas, a graça natural de trajo domingueiro, de ver a Deus, que não deve transformar-se nunca em trajo de carnaval...

Trabalhar em paz, e para a paz

RESTA-ME agradecer a vossa companhia e a promessa de colaboração que representa. Se na minha exposição panorâmica posso ter atingido êste ou aquêle, sem de modo algum querer enfiar carapuças, a verdade — com muito prazer o confesso — é que tenho encontrado, em geral, em tôdas as Comissões e Juntas de Turismo, o melhor espírito de colaboração que, aliás, se prova, em resultados já claros, já visíveis. As deficiências apontadas, e muitas outras, não são originadas em qualquer falta de boa vontade ou desejo de bem servir, mas na insuficiência da própria estrutura da organização do turismo nacional.

...Meus senhores! Atravessamos horas dolorosas, graves, em que o turismo é considerado indústria de luxo, inoportuna em face das dificuldades que todos conhecemos, menores ainda no nosso país — é bom sempre lembrá-lo — do que noutro qualquer. Evitemos, portanto, as exibições deslocadas, as despesas supérfluas, as refeições de abundância inútil e chocante, as construções aparatosas e desproporcionadas. Mas preparemo-nos silenciosamente, dentro do razoável e do possível, para receber os nossos amigos, aquêles que não deixarão de nos trazer, desfeito o pesadêlo, em agradecimento da hospitalidade com que os recebemos em horas difíceis, os seus cartões de visita... E para terminar, meus senhores, não esqueçamos, mais uma vez, de dar graças a Deus, e aos nossos chefes, de podermos trabalhar, em paz e para a paz, enquanto quási todo o mundo, em guerra, trabalha para a guerra.

O que temos em FARO de mais característico

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	PRAIAS E EXCURSÕES	DIVERSOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.
Igreja da Sé (com portal gótico, interior renascença, três naves revestidas de azulejos variegados. A capela-mor é do século XVII). — Igreja do Carmo (frontaria estilo D. João V, construída em 1713. Tem uma «capela de ossos», no género da do Convento de S. Francisco, de Évora). — Igreja de S. Francisco (preciosa talha), século XVIII. — Porta Nova (estilo jesuítico italiano) século XVIII. — Convento da Assunção (claustro século XVI «renascença» portuguesa). — Paço episcopal (azulejos do século XVII). — Biblioteca Municipal (com mais de 12.000 volumes).	«Praia de Faro», situada na ria, na Ilha de Santa Maria, ponto extremo do sul de Portugal. Permite tomar banhos de ria ou de mar, pela sua situação privilegiada. A Santo António do Alto (deslumbrante panorama de serra, mar, campo e ria). Capela com museu Antonino anexo. A Estói (a 9 kms. da cidade). Visita ao Palácio e Quinta do Visconde de Estói, conhecida pela «Queluz do Sul», século XVIII. A Milreu, ruínas romanas de Ossonaba, com vestígios das suas termas. À Aldeia de Santa Bárbara de Nexe (a 14 kms. da cidade) lindas vistas de campo).	Cozinha e Doçaria: Papas de milho com ameijoas. Carne de porco com ameijoas. Dôces de figo e amêndoa. Dôces de ôvo e amêndoa. (D. Rodrigos e Morgados). Museus: Museu Arqueológico do Algarve instalado na antiga igreja de Santo António dos Capuchos. Contém objectos pre-históricos recolhidos em todo o Algarve, azulejos hispano-árabes, achados romanos das ruínas de Milreu e telas preciosas de vários autores, algumas de Vieira Portuense. — Museu Marítimo de Pedro Nunes (inúmeros modelos de embarcações, aparelhos da faina piscatória, etc.), instalado no antigo Paço Episcopal.	Festas de Semana Santa (género das de Sevilha). — Festas tradicionais de S. João, em 23 e 24 de Junho. — Feiras anuais: Em Faro, a 16 e 17 de Julho e a 20 e 21 de Outubro. — Em Estói, no 2.° domingo de Setembro. — Em Santa Bárbara de Nexe, no 3.° domingo de Abril e dia seguinte. «Tennis» — de que há vários terrenos apropriados. Náutica e pesca, na ria, havendo barcos a remos ou à vela, para alugar. Campismo: — embora não haja «parques» demarcados, há muitos locais para sua prática, fácil e cómoda.

O que temos em SILVES de mais característico

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	PRAIAS E EXCURSÕES	DIVERSOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.
Igreja da Sé de Silves. Castelo (restos). «Cruz de Portugal». Câmara Municipal. Biblioteca Municipal.	Praia de Armação de Pêra. Passeios: Portimão (de barco, pelo rio Arade).	Doçaria: Dôces e bôlos regionais de figo e amêndoa. Indústrias: Objectos de palma, de formas e cores variadas.	Romarias: Da Rainha Santa, em Armação de Pêra, em 4 de Julho. De São Lourenço, na freguesia de Pêra, em 10 de Agôsto. Festas: De N.ª S.ª das Dores, em Pêra, no 2.° domingo de Agôsto. Da Senhora dos Aflitos e St.° António, em Armação de Pêra, no último domingo de Setembro. Feiras anuais: Das Cruzes, em 3 de Maio. De Julho, em 31 de Julho. De Outubro, em 31 de Outubro (dura 2 dias).

ÉPOCA DAS AMENDOEIRAS EM FLOR

Fins de Janeiro a meados de Março

O que temos em TAVIRA de mais característico

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	PRAIAS E EXCURSÕES	DIVERSOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.
Igreja de Santa Maria, m. n. » da Misericórdia. » de S. Francisco. » do Carmo. » de S. Paulo. » de St.° António. » de Luz de Tavira (portal manuelino) a 5 kms. Ruínas do castelo. Câmara Municipal.	Praia de Tavira, a 3 kms., na foz do rio Gilão. Passeios: Aos Moinhos da Rocha. Às Quatro Estradas, saíndo de Tavira pela estrada de Santa Margarida, voltando para Santo Estêvão e Luz. À Mata, na estrada de Vila Real de Santo António.	Indústrias: Objectos de «empreita» (palma ou esparto). Objectos de cana. Doçaria: Doces de figo, doces de ovos e amêndoa (D. Rodrigos e Morgados), «bôlos folhados» e «casados», característicos.	Feiras anuais: Da Boa Morte, em 1 e 2 de Agôsto. De S. Francisco, em 4 e 5 de Outubro. Desportos: Caça e pesca. Barcos para alugar, à vela ou de remos. Campismo. Não há parques demarcados, mas, pode praticar-se no campo, na serra ou mesmo nas ilhas de areia sôbre o mar.

O que temos em OLHÃO de mais característico

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	PRAIAS E EXCURSÕES	DIVERSOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.
Igreja do Rosário (deslumbrante panorama, da tôrre). Tem muito interêsse a visita ao bairro piscatório «A Barreta», labirinto, de ruelazinhas onde mal passam duas pessoas a par.	Praia da Ilha da Culatra. Praia da Ilha da Armôna e do Côco. Praia de Marim. Aldeia de Moncarapacho, a 9 km. Cêrro da Cabeça, a 2 km. da Aldeia (furnas) e Cêrro de S. Miguel.	Indústria: Cerâmica. Objectos de vêrga.	Festas tradicionais de S. João. Feiras anuais: em 30 de Abril e 29 de Setembro. Desportos: Foot-ball, tennis, basket-ball, caça, pesca e campismo (êste na Quinta de Marim, a 2 kms.).

FIM DE SEMANA no Algarve, com FARO por ponto de partida: – Eis uma deliciosa excursão, em qualquer época do ano, mas principalmente na Primavera. – Todo o recorte do litoral é um deslumbramento! Práias paradisíacas. Temperatura deliciosa. Luz de sonho. A vegetação, os costumes populares, a faina rural e o folclore têm encantos inexcedíveis e um carácter inolvidável!

NONA JORNADA

É ainda o Atlântico — sempre presente nas coisas portuguesas — que, no roteiro dos nossos vinhos, liga o continente à Ilha da Madeira. Há que navegar nêle para, então, tomar a estrada turística nas regiões mais caracterìsticamente vinhateiras do arquipélago.

Naturalmente é na cidade do Funchal que a devemos procurar, seguindo daí a rota maravilhosa pela já clássica «Pérola do Atlântico»... «á qual chamarom da Madeyra por causa do grãde e espesso arvoredo de que éra coberta», como informa o douto Gaspar Frutuoso nas suas «Saùdades da Terra», quando se refere ao seu descobrimento por João Gonçalves Zarco.

A capital da ilha, elevada à categoria de cidade pelo Rei Venturoso, no ano de 1508, guarda os traços da povoação centenária que foi crescendo, alargando-se em contínua evolução, sem destruir o fio claro e revelador da sua longa vida.

As quatro fortalezas que a guardam demonstram a importância que há muito teve a cidade, já citada na Carta Régia de D. Manuel nestes têrmos: «... tem creçido em mui grãde povoraçom». São elas: a de S. Tiago (de 1614); a de Nossa Senhora da Conceição, do Ilhéu (1642), no pôrto, em frente da cidade; a de S. Lourenço, onde o corsário Montluc, em 1566, mandou passar a fio de espada 250 madeirenses, por ocasião do célebre saque; e a de S. João, do Pico (1622), de que foi primeiro condestável Francisco de Sousa, com o ordenado de 24 mil réis anuais e duas pipas de vinho.

Nesta urbe, de grulhento e variado aspecto cosmopolita, sente-se imediatamente a presença dos três grandes produtos da indústria local: o vinho, os bordados e a obra de vêrga — oferecidos tentadoramente nas lojas ou pelos vendilhões ambulantes que esperam o turista à chegada e à passagem dos grandes transatlânticos que, em tempos normais, descansam nas límpidas águas à vista da majestosa mole ali erguida, viçosa nos seus verdes, bucòlicamente acolhedora.

Procurando mais o pitoresco, o inédito, do que o monumental, pode andar-se pela cidade, deve correr-se a cidade, mas o que não poderá demorar-se a estabelecer é o contacto com o seu melhor cicerone: o vinho.

Comece-se pelo Malvasia, produzido por êsses cachos cónicos, grandes, muito alados, de bagos dourados, cujas cêpas foram as primeiras cultivadas na ilha, levadas no século XV pelos colonos que as trouxeram da ilha de Cândia — e que foi o primeiro vinho a sair dali, para os mercados da velha Europa.

Uma triste história, popular na Madeira, prova que já no século de quinhentos, o Malvasia assentara arraiais em Londres. Conta ela que, em 1478, o Duque de Clarence, irmão de Eduardo IV de Inglaterra, vencido na Guerra das Duas Rosas, estando prêso na Tôrre de Londres, onde aguardava a execução da sentença de morte proferida pela Câmara Alta, resolveu escolhê-la a seu gôsto... e afogou-se, regalado, depois de magistral camoeca, num tonel de Malvasia.

Francisco I, de França, êsse, para fins mais alegres, nunca esquecia o Malvasia na sua mesa, fartamente regada pelo afamado vinho português — e, Shakspeare, de tal modo o considerava precioso que levou o seu Falstaff a trocar uma alma por um copo de Madeira. O aroma do Malvasia era tão apreciado que, no século XVIII, foi moda em Inglaterra deitá-lo nos lenços e com êle esfregar as mãos como perfume requintado.

Na verdade, êste Malvasia, aromático, doce, encorpado, côr de topázio claro, verdadeiro oiro líquido, velho como a colonização portuguesa na ilha, é capaz de congraçar no mesmo

gôsto homens e mulheres — nêle se sentirá todo o espírito esquisito, fino, suave, inebriante, misterioso e sensual daquelas paragens mais feitas para eleitos do que para pobres mortais.

Cumprida esta indeclinável obrigação de todos os que têm a fortuna de aportar à ilha de Zargo, dê-se largas à sôfrega curiosidade turística — conheça-se a cidade para pensar em sair dela e correr à descoberta do restante.

A Sé Catedral (1472), de traça manuelina, que foi a primeira Sé dos nossos domínios ultramarinos, impressiona pela singela grandeza, cujas altas e esbeltas colunas que sustentam as naves, fizeram dizer a D. Francisco Manuel de Melo que «a circunstância de serem tão delgadas revelava a maior perfeição delas e grande temeridade do artista».

A Alfândega do Funchal, que mantém nítidas, apesar das mutilações, as linhas arquitectónicas seiscentistas da sua primitiva; a Casa de Dona Mécia e S. João Evangelista (séc. XVII) merecem uma visita, sendo curioso notar neste último, no Templo do Colégio, o ornamento das colunas, de processo regional, em que a cêpa, os sarmentos, as parras e os cachos, fornecem farfalhudos elementos decorativos.

Esgotada a cidade — onde não é difícil ser-se convencido a prolongar a estadia pelas comodidades que oferece, num ambiente calmo, de clima suave e regular, com panorama atraente — passe-se à estrada que leva à Ponta do Pargo, no extremo da costa sul, por onde se topará com inesquecíveis horizontes... é a visita aos berços abençoados dos vinhos da Madeira.

A nove quilómetros do Funchal, por uma estrada talhada nos flancos das inúmeras eminências do acidentado chão madeirense, acompanhados, sôbre a esquerda, pela imensidade movediça do Oceano, entra-se no núcleo fortemente vinícola de Câmara de Lôbos e do Estreito.

É o império da vinha que nos seus «poios» e nas latadas umbrosas, vai subindo até cêrca de seiscentos metros acima do nível do mar. O aspecto circundante é rico de matizes, nas milhentas leiras que se aglomeram formando essa característica manta de retalhos que é o solo cultivado na Madeira.

Nesta altura, poderia travar-se conhecimento com o Boal, admirável generoso produzido no Campanário, meio doce, macio, delicado e aromático, pujante das melhores qualidades naturais, tão aliciador na sua côr de topázio queimado.

No Estreito, deveria deixar-se o automóvel vulgar para, de machila, meio de condução típico, subir ao Jardim da Serra, um dos pontos mais encantadores da ilha, a mil metros.

Ali, a obra do homem apaga-se perante a grandiosa arquitectura natural, impressionante de majestade nos ásperos cumes (Pico dos Bodes e Bôca dos Namorados), contrastando com abismos temerosos (Curral das Freiras) — paisagem ao mesmo tempo amena e rude, rebarbativa, esmagadora de magnificência.

O Verdelho, hoje considerado o mais rico vinho da Madeira, é dessas paragens; é um vinho sêco, alambreado, forte e aromático — adequado à impressão que os sentidos recebem do ambiente dêsses sítios irreais, quási fantasmagóricos.

Voltando à estrada, não se deverá seguir sem uma derivação sôbre o mar, ao Cabo Girão: varanda colossal que se debruça a mais de quinhentos metros sôbre o Oceano. Oposta a êle, lá está a Fajã dos Padres.

Foi ali que começou a exploração agrícola dos primeiros colonos, tendo sido da Fajã dos Padres — os jesuítas — que saíu o primeiro vinho para exportação, o célebre Malvasia.

Daí, e sempre com panoramas de vinha alegrando a paisagem, pela Quinta Grande e Campanário, alcança-se Ribeira Brava. Encruzilhada de caminhos, há que escolher: seguir em frente, para o extremo oeste da Ponta do Pargo, ou, cortar a ilha para o norte, em direcção a S. Vicente e Ponta Delgada pelas alturas da Encumeada.

A hora matutina da saída do Funchal faz pensar no almôço: procure-se, então, o bom acolhimento gastronómico da Ponta do Sol, também um dos primeiros núcleos da colonização dos nossos sesmeiros quinhentistas.

Conforme a época do ano em que por ali se andar, podem encontrar-se homens em fila indiana carregados de barris compridos e esguios — são os barrileiros — ou levando às costas odres cheios — são os borracheiros — em que transportam o vinho novo para os armazéns. É vulgar ver-se, também, nos típicos carros puchados por bois, cascos ou quartolas de vinho, o que dá cunho regional a êste aspecto da actividade vinícola.

A culinária madeirense tem tradições que não podem ser esquecidas. Assim, fuja-se da ementa incaracterística da mesa de hotel para o que a região oferece: o peixe com o seu clássico «môlho de vilão», o cuscus, nesse admirável «cozido»; a saborosa carne no espêto, a «espetada». Na doçaria, os sonhos, a alféola, as rosquilhas, o bôlo de mel.

Adequadamente devem ser acompanhados, estes manjares, pelos vinhos regionais:

> *«Venha vinho, venha vinho,*
> *Venha também bacalhau,*
> *Venha pão com peixe-espada*
> *Tudo junto não é mau».*

como proclama a cantiga popular dos lagareiros do Estreito.

Pela Calheta e Fajã da Ovelha, continua a estrada que pára na Ponta do Pargo onde o Sercial, sêco, forte e áspero ao primeiro gole, alambreado e muito transparente, ali especialmente produzido, castigará o paladar porventura um tanto cansado das sensações dessa jornada de encanto. Mas, cuidado, porque:

> *«O vinho é cousa santa*
> *Que sai d'uma cêpa torta;*
> *Faz uns quebrar a cabeça*
> *E outros errar a porta».*

Ao fim da tarde, na volta que forçadamente tem de ser pela mesma estrada, pode pedir-se o jantar em Prazeres, onde uma vista suave e bela proporcionará beatífico recolhimento para acalmar êsse mundo de fortes impressões recebidas, cachoantes no nosso espírito.

«Ao longe, a ondulação das montanhas estampa-se no azul do céu e os carreiros tortuosos dos trilhos e veredas cortam as eminências em direcções diferentes. Ao perto, a vegetação é tapête que se desdobra por tôda a parte. As estradas são alinhadas de buxo e loiros e o ar bastante puro» descreve, singelamente, a prosa do Padre Fernando Augusto de Pontes, nas suas «Excursões da Madeira».

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

ANTÓNIO BATALHA REIS

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Os grandes alicerces do Turismo Nacional

O sr. Ministro das Obras Públicas e Comunicações aprovou, no mês passado, o plano de *obras de restauro e conservação de monumentos,* a executar no corrente ano pela Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, num total de 7.175 contos.

As verbas a dispender, são as seguintes: — *Castelos,* 2.000.000$00; *Sés,* 500.000$00; *Igrejas* e *Capelas,* 1.250.000$00; *Mosteiros* e *Conventos,* 1.000.000$00; *Estações Arqueológicas* e outras obras, 250.000$00; *Paços dos duques de Bragança,* 800.000$00; *Mosteiro dos Jerónimos,* 800.000$00; *Universidade de Coimbra,* 200.000$00; *Verbas de estudos,* 50.000$00; *Museus,* 5.000$00.

Julgamos desnecessário comentar o significado dêste novo plano de obras — cuja discriminação encheria, por certo, uma página — de tal modo nos parecem evidentes os extraordinários benefícios que a sua realização implica, tanto no ponto de vista material, como espiritual e político.

★ Não menos considerável é a actividade desenvolvida, nos últimos anos, pela Junta Autónoma das Estradas, que publicou, recentemente, num interessante e sugestivo volume, o relatório dos trabalhos efectuados de 1936 a 1941.

Compulsando êste documento — assinado pelo presidente da Junta, sr. Brigadeiro Silveira e Castro — verifica-se que o total das verbas gastas, no referido período, foi de 780.568.206$00. Através de enormes dificuldades de tôda a ordem, incansável e metòdicamente vencidas, os processos técnicos e de trabalho sofreram constantes melhoramentos, de harmonia com os ensinamentos da experiência adquirida, e procurando-se sempre adaptá-los às condições locais.

Alguns pormenores de especial interêsse turístico: — Construíram-se cêrca de 50 pontes novas e concluíram-se outras, além das reparações efectuadas em mais de 30; construíram-se parques e miradouros em vários pontos do país; plantaram-se cêrca de 418.000 árvores; ampliaram-se várias casas de cantoneiros e cuidou-se da apresentação dos mesmos; estão em estudo váras medidas de protecção aos transeuntes.

No importante relatório, valorizado por elucidativos gráficos, encontra-se descrita a construção da *auto-estrada* e da *estrada marginal* Lisboa-Cascais.

"Conheça a Sua Terra"

Aos passeios culturais organizados pelos Serviços de Turismo do S. P. N. e anunciados no programa radiofónico «Conheça a sua terra» (que continua a ser transmitido pela E. N. tôdas as sextas-feiras às 22,30 h.), acrescentamos, neste habitual registo, os seguintes, efectuados nas últimas semanas:

Ao *Viveiro de Flores da C. M. L.,* na Quinta da Calçada, guiado pelo Eng.° J. Gomes de Amorim; ao *Parque Infantil do Jardim de S. Pedro de Alcântara,* com um programa comemorativo da Tomada de Lisboa, constituido por uma palestra de Matos Sequeira e um recital poético por Anita Patrício, Olavo d'Eça Leal e Humberto Mergulhão; ao *Cemitério Inglês;* ao *Museu das Janelas Verdes,* guiado pelo historiador de arte antiga, Luiz Reis Santos; ao *Palácio e jardins de Queluz* (2 vezes), guiado pelo seu conservador, Ventura Porfírio; ao *Instituto Nacional de Estatística,* guiado pelo sub-director Eng.° Chambica da Fonseca; à *Exposição de Arte Moderna Francesa* (na S. N. B. A.), guiado pelo director do Instituto Francês, Pierre Hourcade; ao novo edifício do *Diário de Notícias,* guiado pelo jornalista Augusto Pinto; ao *Observatório Astronómico da Ajuda* (2 vezes), guiado pelo seu director, Dr. Manuel Peres; à *Associação de Socorros Mútuos de Empregados no Comércio de Lisboa;* ao *Presépio de Machado de Castro,* no Museu das Janelas Verdes, guiado por Matos Sequeira; à *Fábrica de Cartas de Jogar J. J. Nunes,* com Pedro Vasques.

Guia dos Hotéis e Pensões de Portugal — 1943

Encontra-se à venda a nova edição do guia oficial da indústria hoteleira, *Hotéis e Pensões de Portugal,* de grande utilidade para quem deseje informar-se das condições em que pode procurar hospedagem nas principais cidades e vilas do país. O guia — de consulta muito fácil, pois foi compilado por ordem alfabética dos nomes das povoações — indica a categoria oficial dos estabelecimentos, a sua direcção, o número do telefone, o número de quartos e os preços (actualizados) dos seus vários serviços. Indica, ainda, as Pousadas de turismo já em funcionamento, e insere, no fim, um mapa de Portugal.

Notamos a melhoria do arranjo gráfico da capa, mas devemos lamentar o excesso de *barroquismo* da composição do texto, principalmente nas páginas destinadas à publicidade.

A Fotografia Alvão

Durante longos anos, quem precisasse duma boa fotografia de paisagem, monumento ou tipo popular, só tinha duas ou três firmas de fotógrafos profissionais a que recorrer. Uma delas — e das melhores — era a casa *Alvão,* do Pôrto. Conta-se, sem dúvida, por milhares os seus *clichés* publicados em revistas, magazines, catálogos, boletins e postais ilustrados.

A actividade profissional da *Fotografia Alvão,* cuja fama ultrapassou as fronteiras do país, é digna do nosso respeito pela persistência com que se tem manifestado, durante perto de meio século, e merece a nossa admiração pela probidade técnica dos seus trabalhos, muitos dos quais — verdadeiras obras de arte — obtiveram, em concursos internacionais, primeiros prémios e medalhas de ouro.

Foi êste duplo merecimento que inspirou o Govêrno a agraciar, há anos, Domingos Alvão com a Ordem de Cristo e, agora, com a mesma recompensa, o actual proprietário e fotógrafo da firma, Álvaro Cardoso de Azevedo — a quem, por isso, PANORAMA felicita.

1.ª Exposição Bibliográfica de Turismo e Propaganda de Portugal

De 4 a 18 de Julho, por feliz iniciativa do *Ateneu Comercial de Lisboa,* realizar-se-á êste importante certame, constando de tôdas as publicações, antigas e modernas, que fôr possível reünir: — livros, folhetos, impressos e postais de propaganda turística de Portugal e de produtos portugueses, bem como de cartazes-reclamos de praias, termas e outras localidades, de festas regionais, etc.

Esta Exposição (que será dirigida pelo Sr. Everard Martins e terá lugar nos salões da referida colectividade) pretende dar a conhecer, em conjunto, o esfôrço feito até agora em prol do turismo e da propaganda dos produtos nacionais, servindo também como ponto de referência e de partida para os melhoramentos a introduzir nos processos técnicos da especialidade.

Quem deseje colaborar nesta interessante obra de divulgação, e inscrever-se como expositor, poderá fazê-lo até 31 de Março, devendo solicitar o regulamento à secretaria do *Ateneu Comercial de Lisboa,* na R. Eugénio dos Santos, 110.

CONHEÇA A SUA TERRA / CONHEÇA A SUA TERRA

MONUMENTOS, IGREJAS, ETC.	PRAIAS E EXCURSÕES	DIVERSOS	FESTAS, FEIRAS, ROMARIAS, ETC.
O que temos em LAGOS de mais característico			
Igreja de St.º António (séc. XVIII). Igreja de S. Sebastião (Renascença). Museu arqueológico (anexo à igreja de St.º António).	Praias: de S. Roque (ou Meia Praia), Formosa e de D. Ana. Passeios: à Ponta da Piedade, a Sagres, ao Cabo de S. Vicente e às Caldas de Monchique.	Doçaria regional. Pesca do atum.	
O que temos em PORTIMÃO de mais característico			
Igreja matriz (portal gótico). » de Alvor (portal manuelino). » da Mexilhoeira Grande (portal manuelino). » do Colégio (século XVII).	PRAIA DA ROCHA (a 3 km.). Passeios: Às CALDAS DE MONCHIQUE; a Silves, pelo rio Arade; às Grutas de Alcalá e à Estação romana Abicada.	Indústrias: Conservas de peixe. Objectos de «empreita». Doçaria: «Morgados», «D. Rodrigo», «Estrêlas» de figo e amêndoas, etc.	Feiras anuais: No 1.º domingo de Agôsto. Em 11 de Novembro. Desportos: Foot-ball, tennis, golf e desportos náuticos.
O que temos em LOULÉ de mais característico			
Restos das antigas muralhas do Castelo. Pórtico do Convento da Graça. Igreja de N.ª S.ª da Piedade. Cruzeiro da Misericórdia. Ermida de N.ª S.ª da Conceição.	Passeios: Praia da Quarteira, a 10 kms. S. Braz de Alportel, a 13 kms. onde existe a Pousada do S. P. N. Almansil, visitar a igreja de S. Lourenço de Matos. Miradouros da Cruz da Assumada e das estradas de Goldra e Santa Bárbara.	Doçaria: Bôlos de amêndoa. Frutos secos. Indústrias: Objectos de palma e esparto, alguns muito interessantes. Caldeiraria. Arreios.	Festa de N.ª S.ª da Piedade, no 2.º domingo a seguir à Páscoa. É a festa da Vila. Festejos carnavalescos. Feiras: Dos Passos, no 2.º domingo da Quaresma. De Abril, em 27 de Abril. De Loulé, nos 3 últimos dias de Agôsto. De N.ª S.ª da Conceição, em 8 de Dezembro.

"Amigos da Louzã"

Como noticiámos no nosso número anterior, foi aberto por êste grupo, recentemente criado, um concurso para um cartaz destinado a reclamar as excelentes condições turísticas da Louzã.

O júri, há pouco reünido, atribuíu o prémio único de 1.000$00 ao conhecido pintor-decorador Emérico Nunes. O projecto foi já entregue, para rápida execução, a uma das melhores litografias da capital.

O "Hotel do Facho" na praia da Foz do Arelho

Depois de cuidada adaptação, reabriu, há pouco, o *Hotel do Facho*, na bela praia da Foz do Arelho, a 8 kms. das Caldas da Rainha e a cêrca de 100 kms. de Lisboa. Dispõe, agora, de 34 quartos — todos com água quente e fria encanada, e 8 com casa de banho privativa.

O Hotel é todo iluminado a electricidade, tem telefone e 3 fogões de sala. Das varandas e amplas janelas da fachada principal (virada ao Sul) abrange-se largo horizonte, sôbre o Oceano e, em tempo limpo, vêem-se claramente as Ilhas Berlengas.

Fica, assim, extraordinàriamente valorizada uma das mais aprazíveis estâncias da beira-mar do País, cuja situação disfruta o privilégio da proximidade da Lagôa de Óbidos (a 200 metros do Hotel), óptimo local para *campismo*, e onde se podem praticar os agradáveis desportos da *pesca* e da *caça*.

"Panorama" regista

★ A *Exposição do Livro Italiano*, no Teatro Nacional D. Maria II — admirável no ponto de vista cultural e artístico, e importante como «lição de artes gráficas».

★ O aparecimento do 3.º número da grande revista luso-brasileira *Atlântico*.

★ O bom gôsto da apresentação das *Publicações Culturais da Câmara Municipal de Lisboa*, que editou recentemente a palestra *Lisboa e os seus cronistas*, de Luiz Teixeira.

★ A criação do *teatro de fantoches de «Mestre Gil»*, dirigido pelo poeta Augusto de Santa Rita e especialmente destinado às crianças.

★ A inauguração, em Vila Viçosa, do *monumento a Henrique Pousão* — que foi um dos maiores pintores portugueses do século XIX.

★ A criação do *Grupo dos Amigos de Coimbra.*

★ A notícia de que vão ser expropriadas as casas que rodeiam (com prejuízo da estética urbana e, logo, do turismo local) a tôrre de menagem do *Castelo de Beja*.

★ O 15.º aniversário do *Museu de Alberto Sampaio*, em Guimarães, que tem realizado no norte do país uma vasta obra cultural.

★ A notícia de que o *Palácio de D. Manuel*, em Évora, vai ser reconstruído, para nêle se instalar a Casa do Município Eborense.

★ A notabilíssima obra de restauro que fêz ressurgir a preciosa *Igreja de Santiago*, em Coimbra — e o magnífico n.º 28 do *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, que lhe é consagrado.

★ A exposição retrospectiva da obra do miniaturista caldense Francisco Elias (no estúdio do S. P. N.) e a edição do interessante album de homenagem, gràficamente dirigido pelo escultor João Fragoso.

A EROSÃO E A PAÌSAGEM

(Continuação da página 7)

Os prados cedem o lugar a culturas cerealíferas, a mata degrada-se e passa a charneca que, por sua vez, é arroteada para compensar, pela extensificação da cultura, o empobrecimento sempre crescente dos terrenos. Ao mesmo tempo diminuem os gados e os estrumes, o que vem acelerar ainda mais a erosão. Os gados degradam-se progressivamente, assistindo-se à substituïção dos bovinos pelos ovinos e, finalmente, pelos caprinos.

Aproximamo-nos do deserto!

Como combater a erosão e evitar tamanhos males? Como remediar os estragos já causados?

Os meios, como se disse, visam dois objectivos: evitar o escoamento superficial da água e defender as terras da sua acção.

Para evitar o escoamento superficial, temos de favorecer ao máximo a infiltração, o que se consegue, em primeiro lugar, pela diminuïção do declive das terras, mantendo-as porosas, aumentando o seu poder de absorpção e diminuindo a velocidade com que a chuva atinge o solo, e, ainda, retendo a água o mais tempo possível, para permitir que se infiltre e se evapore.

A protecção do solo consegue-se por todos os meios que favorecem a sua agregação e mantendo-o, quanto possível, coberto de plantas.

Podemos dividir os meios de combater a erosão em duas grandes categorias: — os meios físicos e os meios biológicos.

Entre os primeiros o mais importante e o mais utilizado, desde antigos tempos, é a armação da terra em socalcos, meio tão generalizado entre nós que todos o conhecem. É interessante dizer que ainda hoje êste processo é considerado o mais eficaz e dêle se tem feito muita propaganda na América do Norte.

Vêm, em seguida, os amanhos das terras, mantendo-as na necessária sazão e, também (o que nalgumas regiões do país tem sido muito esquecido), lavrando sempre segundo a direcção das curvas de nível, deixando regos horizontais, ou de pequeno declive que impeçam o livre escoamento das águas.

Entre os meios biológicos o mais conhecido é, certamente, a arborização; mas não é, de forma alguma, o único, nem basta tão pouco arborizar de qualquer forma, para se obter a fixação desejada da água e do solo. Para que a protecção seja eficaz, não podemos esquecer que tem de começar pela camada superficial do solo e que, portanto, não bastam apenas algumas árvores, mas é necessário uma mata fechada com abundante sub-bosque. As matas de folhosas darão sempre uma protecção mais eficaz do que as de resinosas, devido não só à maior quantidade de folhada que todos os anos vai enriquecer o solo, como, ainda, às melhores qualidades desta em relação à Caruma das resinosas.

As pastagens permanentes são, além da mata, um meio igualmente eficaz de protecção do terreno e, a nosso ver, sempre de preferir àquela, pelo seu maior valor económico. Apenas as condições do meio — empobrecimento demasiado do terreno, e condições de clima, — limitam o seu emprêgo e tornam indispensável o recurso à mata. Êstes dois meios de protecção não são, de forma nenhuma, antagónicos, mas devem, pelo contrário, ser encarados simultâneamente, porquanto a mata é igualmente indispensável para criar à pastagem um ambiente favorável. Por êste processo será possível alargar muito a nossa zona de pastagem de serra e melhorar notàvelmente a qualidade das existentes, permitindo assim aumentar os gados em que o País é tão pobre. Desta forma vamos ajudar indirectamente à defesa contra a erosão nas terras cultivadas, porque disporemos de maior quantidade de estrumes. Para terminar estas ligeiras considerações, referir-nos-hemos, ainda, à importância da sideração, como método rápido e imediato de enriquecimento da terra em humus.

Da acção lenta, mas segura, de todos estes factores é de esperar um enriquecimento progressivo da terra portuguesa e uma beleza cada vez maior da nossa paìsagem.

FRANCISCO CALDEIRA CABRAL

Professor de Arquitectura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia

A MORTE DE SÃO BERNARDO

(Continuação da pág. 12)

Acolitam a Virgem quatro anjos músicos, e servem a cena, defumando-a, com o incenso de turíbulos que desapareceram, dois anjos adoradores ajoelhados na base do painel.

De resto, em redor, há o estuque da abóbada e dos dois muros; o arco de volta inteira que perfila a capela; e um raio de luz muito branda que se debruça da rosácea e mergulha na sombra daquele espaço, iluminando a cena carinhosamente...

SALVADOR FEYO

NOTAS:

(1) De que se dá um fragmento da parte descritiva, reservando-se a especulação histórico-artística e o estudo técnico para o volume em preparação da escultura portuguesa no núcleo de Alcobaça, a apresentar brevemente ao «Centro de Estudos de Arte do Instituto para a Alta Cultura» que coexiste no Museu das Janelas Verdes.

Citam a morte de São Bernardo, salvo melhor informação, os Srs.: Dr. João Couto — No ofício dirigido em Dezembro de 1938 ao Senhor Director Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes a pedir para ser entregue *«definitivamente ou a título provisório» «no museu a seu cargo»*, esta obra de Arte, no caso de a mesma ser retirada do local onde se conserva.

Diogo de Macedo — «Em redor dos Presépios Portugueses», 1940 — Diz: «Assim, pela análise directa e por comparações sossegadas, nos convenceremos da nacionalidade de alguns expressivos barros coloridos, começando pela figura orante do sepúlcro de Frei Cristóvão de Cernache (meados do séc. XVI), em Leça do Balio e pela imagem estofada da Virgem com o menino do antigo Recolhimento da Rosa, até à estupenda composição que em Alcobaça por um triz se esmorece de todo representando a Morte de S. Bernardo (séc. XVII), padrões da nossa glória plástica».

Ernesto Korrodi — «Alcobaça» — Referindo-se às figuras que compõem a Morte de S. Bernardo, diz: «São testemunho da brilhante escola de barristas que adentro do Mosteiro se criou e manteve por largo período, espalhando os produtos pelas casas da Ordem».

Marquês de Lozoya — «História del Arte Hispanico» — Diz que «sufrió mucho el monastério en la guerra de la independencia peninsular, en que fué saqueado»...

J. Vieira Natividade — «O Mosteiro de Alcobaça», 1929 — Refere-se à morte de S. Bernardo com as palavras seguintes: «Esta obra notável dos barristas do Mosteiro (séc. XVII) foi bàrbaramente mutilada pelos franceses, que apenas deixaram intactas algumas estátuas de anjos. Todavia, ainda se pode observar a expressão das figuras, a que Bertaux chama espantosa, a modelação e suave colorido dos panejamentos».

Matos Sequeira — «Barristas Portugueses» (catálogo), 1938 — Diz: «modelada na argila pelos barristas do Mosteiro Cisterciense, tem ainda grandeza».

Dr. Vergílio Correia — «O Instituto», vol. 81 da colecção da Academia Nacional de Belas-Artes, em «O retábulo da Capela-mor de Alcobaça», transcreve parte da crónica de Frei Manuel de Figueiredo que ao citar as capelas do Cruzeiro, do lado da Epistola,, refere: «Segue-se a Capella do trânsito do primeiro abbade de Claraval e mellifluo doutor S. Bernardo, que antes foi da invocação de S. Vicente, e a dedicou ao seu santo patriarcha o Geral, em que já fallamos, Frei Sebastião de Sottomaior».

Luiz Chaves — «Os Barristas Portugueses», 1925. — De Ramalho Ortigão em «O Culto da Arte em Portugal» transcreve o que segue: «O que ainda persiste da obra tão curiosa e tão característica dos barristas de Alcobaça está ao desamparo no abandono daquele incomparável monumento».

(2) Lepierre — «Cerâmica Moderna Portuguesa».

(3) B. Kugler — História dos Cruzados.

(4) Idem.

(5) Idem.

AVENIDA PALACE HOTEL

LISBONNE / À CÔTÉ DE LA GARE CENTRALE

130 chambres / 80 avec salle de bain
Téléphone dans toutes les chambres
Chauffage centrale
Déjeuner et Dîner—Concert

AMERICAN BAR

RUA 1.º DE DEZEMBRO, 123 / TELEFONE 2 0231

SUISSO ATLÂNTICO

Hermida Martins, Lda

HOTEL

UM HOTEL SOSSEGADO E CONFORTÁVEL COM PREÇOS MÓDICOS

DIRIGIDO PELOS SEUS PROPRIETÁRIOS

RUA DA GLORIA, 19
LISBOA

TEL. P. B. X. 2 1925 / 2 7260 / 2 4216

A excelência dos trabalhos gráficos

d e p e n d e

sobretudo de:

- Estilo e estado do material tipográfico
- Qualidade e apropriação de papéis
- Conhecimento profundo e prático dos

serviços de composição e impressão

- Gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pelo estabelecimento industrial nos trabalhos que executa.

De tudo isto

d i s p õ e a

Oficina Gráfica, Limitada

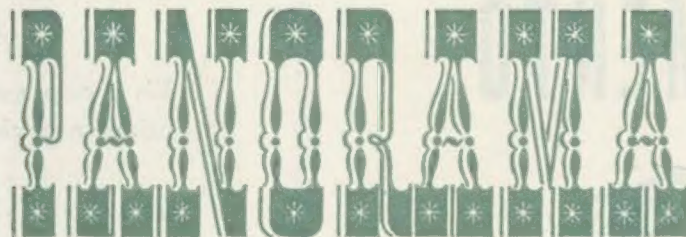
R. OLIVEIRA, AO CARMO, 8 — TELEFONE 22886 — LISBOA

SOCIEDADE LUSITANA DE DESTILAÇÃO

FÁBRICAS DE:

ALCOOL RECTIFICADO,
EXTRA NEUTRO 96°
ALCOOL DESNATURADO
AGUARDENTE VÍNICA 77

Escritórios: Lisboa — Rua Vitorino Damásio, 26, 1.º - Telef. 6 1168 e 6 1169 - Teleg. «Alcool» — Pôrto — Rua das Carmelitas, 100, 2.º - Telef. 1913

A Administração da Revista

★ *previne os leitores de que está a encerrar-se a inscrição para as reedições dos quatro primeiros números. — Os coleccionadores e assinantes que ainda não o tenham feito, devem enviar a sua requisição para a Rua de S. Pedro de Alcântara, 45-1.º — O preço de cada exemplar será de 10 Escudos.*

★ *quanto às capas para a encadernação dos dois primeiros volumes — já em vias de realização — muito brevemente se anunciará o preço, a data e os locais onde podem ser adquiridas.*

LEIA NESTE NÚMERO AS CONDIÇÕES DO CONCURSO DA «CASA PANORAMA»